



**CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA - CEUB**

**PROGRAMA DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA**

**ESDRAS AMARAL MERINO GUIMARÃES**

**O IMPACTO DA MOROSIDADE DO INSTITUTO DE REFÚGIO  
SOBRE A SUBJETIVIDADE DOS REQUERENTES: a necessidade de  
aperfeiçoamento do refúgio para contenção da revitimização**

**BRASÍLIA**

**2023**



**ESDRAS AMARAL MERINO GUIMARÃES**

**O IMPACTO DA MOROSIDADE DO INSTITUTO DE REFÚGIO  
SOBRE A SUBJETIVIDADE DOS REQUERENTES: a necessidade de  
aperfeiçoamento do refúgio para contenção da revitimização**

Relatório final de pesquisa de Iniciação Científica apresentado à Assessoria de Pós-Graduação e Pesquisa.

Orientação: Tédney Moreira da Silva

**BRASÍLIA**

**2023**

## **AGRADECIMENTOS**

Convidado pelo querido professor Tédney, a substituir um colega, à redação deste artigo, não pude precificar, inicialmente, a rica experiência que ele me proporcionou com isso. Em realidade, ao aceitar o convite, passei a ter diante de mim um título de pesquisa, que não poderia mudar, em que pese minha pouca familiaridade com seu conteúdo. Graduando em Direito, mas assediador irremediável de outros campos do conhecimento, usei esse trabalho como a desculpa que me faltava, para ler Freud, de quem já fui entusiasta, mesmo só o conhecendo por recortes curtos de sua obra; tendo-o lido, fascinei-me. No que concerne às entrevistas realizadas, é imprescindível confessar que elas reconstruíram minhas percepções sobre vida e humanidade. Portanto, cabe-me agradecer, ao professor Tédney, pelo convite, e por todo o seu direcionamento acadêmico, e a Enmanuel, Cristian, Yajaira e Yugmaris, os entrevistados a quem devo este artigo.

*A veces pienso que todo el*

*pueblo*

*Es un muchacho que va*

*corriendo*

*Tras la esperanza que se le*

*va*

Ali Primera

*Y si un día tengo que*

*naufragar*

*y el tifón rompe mis velas,*

*enterrad mi cuerpo cerca del*

*mar*

*en Venezuela.*

Pablo Herrero Ibarz e

José Luís Armenteros Sánchez

## RESUMO

A presente pesquisa analisou o impacto da morosidade na concessão do refúgio, instituto jurídico e de direito internacional, sobre a subjetividade de venezuelanos que o requereram junto ao Estado brasileiro. Para tanto, a partir da adoção do método qualitativo e por meio de entrevistas semiestruturadas, como principal instrumento de coleta de dados utilizados, foram entrevistadas quatro pessoas venezuelanas que, livre e conscientemente, submeteram-se às entrevistas. Atualmente, residem em Brasília; possuem faixa-etária, instrução escolar e percepção de mundo distintas. Discorreram sobre a vida que hoje levam, e a dimensão das questões que as compeliram a sair de seu país de origem. Isso permitiu a coleta de diversos dados, examinados à luz do conceito de Sigmund Freud sobre o quadro psíquico de *unheimliche* (infamiliar). Ademais, a pesquisa traz, ao início, uma breve evolução histórica sobre o instituto do refúgio e, desse modo, abarca questões que inter-relacionam a psicanálise com os Direitos Internacional e Brasileiro. Os relatos prestados à pesquisa denunciaram ilegalidades e abusos de poder, contêm críticas sociais e dilemas psicológicos.

**Palavras-chave:** direitos humanos; direito internacional; direito dos refugiados; psicanálise; contexto de migração e refúgio; unheimliche; infamiliar.

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	07
1. CONCEITUAÇÃO DE REFÚGIO E SUAS DIFERENÇAS EM FACE DE OUTROS INSTITUTOS	09
2. <i>DAS UNHEIMLICHE</i> : O INFAMILIAR E SUA CORRELAÇÃO COM O REFÚGIO	14
3. MÉTODO QUALITATIVO COM ENTREVISTAS SEMIESTRUTURADAS	17
3.1. CRISTIAN	23
3.2. ENMANUEL	29
3.3. YAJAIRA	34
3.4. YUGMARIS	37
CONSIDERAÇÕES FINAIS	40
REFERÊNCIAS	44
ANEXO A - AUTORIZAÇÃO DO COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA DO CEUB	47
ANEXO B - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	53
ANEXO C - TERMO DE ACEITE INSTITUCIONAL	61
APÊNDICE A - HOMENAGEM EM POESIA À MÃE REFUGIADA	63

## INTRODUÇÃO

Segundo dados divulgados pelo Comitê Nacional para os Refugiados (CONARE) na 6ª edição do relatório *Refúgio em Números*, divulgado ao final de 2020, havia no país 57.099 pessoas refugiadas. Foram feitas 28.899 solicitações para a atribuição estatal da condição de refugiado, tendo o CONARE assim reconhecido 26.577 pessoas de diversas nacionalidades. Tanto homens (50,3%) como mulheres (44,3%) em refúgio tinham, predominantemente, entre 25 e 39 anos de idade e estes números aumentaram consideravelmente em relação aos anos anteriores, tendo em vista o aumento de conflitos armados e guerras civis ao redor do mundo (Silva et al, 2021).

Na América do Sul, um dos motivadores para o movimento migratório é a divergente opinião política dos indivíduos que, por vezes, tornam-se alvos de perseguição estatal. O Brasil é o quinto país mais procurado por refugiados dessa origem, após Colômbia, Peru, Equador e Chile, respectivamente, sendo, ademais, a maior economia entre os quatro (R4V, 2023). Assim sendo, pergunta-se: tal circunstância deveria implicar um grau maior de responsabilidade do Brasil para com a questão do refúgio?

Tal questionamento moveu-nos a investigar qual a postura do Estado brasileiro frente ao cumprimento de seu compromisso com a pauta humanitária do refúgio. Considerado um direito humano e vistas as premissas segundo as quais o país é um dos destinos mais procurados por pessoas nesta situação, coube-nos refletir não apenas sobre como funciona o instituto e quais as burocracias (se houver) que a circundam, como, também, investigar os impactos deste procedimento formal sobre as pessoas refugiadas, para fins de evitar a sua revitimização.

Assim, considerando também a Lei n.º 9.474, de 1997 (Brasil, 1997), responsável por definir mecanismos nacionais para a implementação do Estatuto dos Refugiados, de 1951, e o processo de reconhecimento da condição de refugiado, a presente pesquisa foi concebida a partir da necessidade de se medir o impacto que esse procedimento tem sobre o bem-estar social de quem o requer. Para tanto, valeu-se do conceito freudiano de *Unheimliche* (infamiliar), que aponta para o fato de que uma pessoa, deslocada da realidade em que sempre viveu, experimenta um estado de inadequação de sua subjetividade, ao contexto inédito do país que o acolhe.

Objetivou-se medir o grau desse estado de inadequação do refugiado em nosso país e se, comparado à realidade em que ele vivia, tem atenuada a sua situação de deslocamento ou de estranhamento ante aspectos positivos e negativos dessa mudança. A fim de garantir aos refugiados uma experiência de verdadeiro acolhimento, é impreterível que o Estado e as autoridades responsáveis pela implementação das políticas públicas em prol da pessoa refugiada empenhem-se em cumpri-las com eficiência, meta incompatível com a morosidade observada na concessão do *status* de refugiado.

Este artigo versa também sobre outras questões, como o atual nível de instabilidade social da Venezuela, provocadora do alto índice de migração para o Brasil, na atualidade, bem como tece críticas à administração pública brasileira, segundo a percepção dos refugiados. Nosso objetivo é o de averiguar o quão cumpridor de suas leis em prol da pessoa refugiada é o Brasil em relação, por exemplo, ao Peru. Tudo isso deságua na necessidade de se ver o supracitado instituto sob diversas perspectivas, em especial pela perspectiva humana de quem o solicita, por encontrar-se já em uma situação de extrema vulnerabilidade e de alta complexidade. Tornam-se, portanto, fundamentais as percepções dos refugiados, que devem ser relevadas pela máquina pública para a atuação mais conforme às necessidades urgentes daqueles sujeitos de direitos.

Para tanto, a pesquisa está dividida em três seções.

Inicialmente, conceituamos o refúgio, e o comparamos a outros institutos vinculados à migração, para apresentá-lo como um instrumento verdadeiramente garantidor de direitos humanos, dada a sua relevância para a plena proteção da dignidade da pessoa humana.

Em segundo momento, apresentamos, em apertada síntese, o conceito freudiano de *unheimliche* (infamiliar), cujo propósito é o de demonstrar como a situação de deslocamento (por vezes forçado) que os refugiados vivenciam causa-lhes um impacto profundo em suas subjetividades, a ponto de amplificar sua vulnerabilidade. Utilizamos o conceito de Sigmund Freud por entendermos que, quanto maior o tempo de demora do Estado brasileiro em reconhecer o direito à identificação como refugiado (e, assim, de lhes estender todas as políticas específicas de acolhimento), agudiza-se aquela sensação de infamiliar, de forma que, neste caso, o Estado responsabiliza-se pela destruturação psicológica causada à pessoa em situação de refúgio.

Por fim, com o propósito de confirmar ou refutar esta hipótese, procedemos à análise qualitativa, a partir do exame de dados colhidos por entrevistas semiestruturadas com



quatro pessoas venezuelanas reconhecidas como refugiadas por órgãos administrativos brasileiros. As entrevistas foram autorizadas pelo Comitê de Ética em Pesquisa do Centro Universitário de Brasília [ANEXO A] e foram realizadas entre os meses de maio a julho de 2023, tendo os quatro participantes manifestado sua adesão aos objetivos propostos pela pesquisa, com a leitura prévia, esclarecimentos e concordância lavradas em Termo de Consentimento Livre e Esclarecido [ANEXO B].

Ao final, buscamos confirmar nossa hipótese, segundo a qual o processo de refúgio, por não ter previsão legal de prazo para sua conclusão, é suscetível à morosidade, fato que afeta negativamente o bem-estar social do requerente, aprofundando a sensação infamiliar.

## **1. CONCEITUAÇÃO DE REFÚGIO E SUAS DIFERENÇAS EM FACE DE OUTROS INSTITUTOS**

Preliminarmente, cumpre diferenciar os institutos jurídicos de “asilo político”, de “migração” e do “refúgio”, todos vinculados à dimensão de deslocamentos humanos, porém, aplicáveis a diferentes contextos. Os três acompanham o avançar da humanidade no tempo, mas suas respectivas definições acadêmicas e normativas, bem como a criação de regulamentações a nível internacional, são conquistas históricas recentes. Com isso,

[...] Convém aclarar que o asilo é instituto destinado à proteção de indivíduos perseguidos políticos que cometeram crimes políticos ou de opinião. Trata-se de pedido geralmente individual e específico para proteger o solicitante que é perseguido por outro país, que pretende julgá-lo, prendê-lo, ou sua extradição para um destes fins. Não se pode confundir com refúgio, que tem como objetivo proteger um grupo maior de pessoas cuja perseguição é genérica ou geral, e não pessoal. Ambos protegem os direitos humanos (Barreto, 2006).

O trecho acima suscita que, em geral, o asilo político é um anseio individual, por aquele que se encontra perseguido por razões ideológicas políticas, enquanto que o refúgio costuma ser pleiteado por quantidades mais expressivas de pessoas, ao mesmo tempo, quando estas se encontram perseguidas em seus Estados de origem, dada a superveniência de guerras e regimes totalitários, por questões relacionadas à raça, à religião, à nacionalidade ou à pertencimento étnico, por expressão de opinião política divergente ou por generalizada violação de direitos humanos ou práticas de ecocídio (pela crise ambiental).

Por sua vez, consideram-se migrantes todos aqueles que não se encaixam nem na condição de asilados políticos, nem de refugiados, mas que se deslocam em busca de uma vida melhor. Em vista as diferenciações burocráticas, o asilo pode ser solicitado pelo

requerente enquanto ele ainda está no país do qual pretende sair. O refúgio só é admitido após quem o requer já estar fora do lugar em que ele sofre ou teme sofrer perseguição. A respeito da diferença entre imigrante e refugiado, importa ressaltar o conselho contido no sítio da própria ACNUR:

Dizemos 'refugiados' quando nos referimos a pessoas que fugiram da guerra ou perseguição e cruzaram uma fronteira internacional. E dizemos 'migrantes' quando nos referimos a pessoas que se deslocaram por razões que não se encaixam na definição legal de refugiado (ACNUR, 2015).

Em complemento, deve-se ter em mente que migrante é termo genérico, que designa quem, ou por emigração, ou por imigração, sai da região em que vivia, por questões diversas daquelas que impelem um refugiado a se deslocar.

Em todas estas circunstâncias, porém, como aponta Mônica Medeiros Kother Macedo (2022, p. 4):

A linha divisória [entre os institutos] responderia a certa imposição de demarcação, ou construção de fronteira, entre duas situações que não necessariamente contempla o que nelas se faz prioridade. Cabe, portanto, questionar qual intenção marca presença nessa diferenciação, uma vez que em ambas a precariedade é visível. Logo, ao contrário de simplificar a questão, cabe o alerta de que, por vezes, as "categorizações" dessa complexa tessitura entre diversas crises estão mais a serviço de deixar à margem ou invisível o que ocorre com o sujeito protagonista de uma ou de outra condição.

Isto significa que, independentemente das diferenciações feitas entre os institutos jurídicos, há de comum em todos eles o grave quadro de vulnerabilidade em que as pessoas se encontram. É impreterível pontuar que ao refugiado, em geral, concede-se refúgio, ao passo que, ao migrante, residência temporária ou definitiva. Contudo, é muito recorrente no Brasil a prática de pessoas a quem todas as características de um refugiado assistem que se peça residência permanente. Isto porque as pessoas consideram-na uma alternativa mais célere e quase tão positiva quanto a do reconhecimento como refugiado pelo CONARE. Em vista das entrevistas colhidas à pesquisa, apurou-se que a residência definitiva de um entrevistado demorou aproximadamente dois anos para ser conquistada, enquanto o reconhecimento como refugiado, de outro entrevistado, quatro anos, como veremos oportunamente.

Feitas as diferenciações acima, mencionamos a evolução histórica do instituto do refúgio.

Os primeiros mecanismos de proteção aos refugiados, a nível internacional, decorrem da Liga das Nações, criada em 1919, que, por sua vez, provém da necessidade de reparar o cenário internacional no período posterior à Primeira Guerra Mundial. Expressivas ondas de refugiados decorreram dela, da Revolução Russa e do desmoronamento do Império Otomano, questões que assolaram a geopolítica do período. Naquela época, a comunidade internacional teve que enfrentar o problema de definir a condição jurídica dos refugiados, organizar o assentamento ou a repatriação em vários países e realizar atividades de socorro.

A Segunda Guerra Mundial levou a questão dos refugiados a ser retomada com maior ressalto, em face de milhões de pessoas que, perseguidas, saíam de seus Estados. Em face desse problema, em 1943 criou-se a UNRRA – Administração de Socorro e Reabilitação das Nações Unidas. Pelas mesmas razões, realizou-se a Conferência de Bermudas, que alargou a proteção internacional aos refugiados, definindo-os como sendo: “todas as pessoas de qualquer procedência que, como resultado de acontecimentos na Europa, tiveram que abandonar seus países de residência por terem em perigo suas vidas ou liberdade, devido à sua raça, religião ou crenças políticas” (Barreto, 2006).

Por não ter sido bem sucedida em sua missão de cumprir com a estabilidade mundial após o primeiro conflito bélico de proporção global, a Liga das Nações foi declarada finda e deu lugar à segunda fase de internacionalização dos direitos humanos, com a formulação da ONU - Organização das Nações Unidas. A sua proposta voltava-se para a defesa dos direitos humanos e a manutenção de relações amistosas entre os Estados, de forma a garantir a contínua busca de acordos pacíficos em acolhimento às demandas mais essenciais do ser humano.

Em 1946, a Assembléia Geral das Nações Unidas estabeleceu os seguintes princípios, próprios da condição de refugiado:

- 1 – o problema dos refugiados tem alcance e caráter internacional;
- 2 – não se deve obrigar o regresso ao país de origem aos refugiados que expressarem objeções válidas ao retorno;
- 3 – um órgão internacional deveria ocupar-se do futuro dos refugiados e pessoas deslocadas; e
- 4 – tarefa principal consistiria em estimular o pronto retorno dos refugiados a seus países e ajudá-los por todos os meios possíveis. (Barreto, 2006)

Com o fito de dissipar questões ainda pendentes quanto aos refugiados depois da Segunda Guerra Mundial, foi fundada, em 1946, a Organização Internacional de Refugiados (OIR). Trata-se do primeiro organismo internacional ocupado em resolver todas as questões

dos refugiados. Em sequência, nos idos de 1947, criou-se o Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (ACNUR), instituição cuja existência objetivava proteger a nível internacional todos os refugiados. Paulatinamente, surgiram no mundo outros mecanismos humanitários de proteção a esse grupo, boa parte ensejada pela própria ACNUR, como a Convenção sobre o Estatuto dos Refugiados, de 1951, internalizada no Brasil por meio do Decreto n.º 50.215, de 28 de janeiro de 1961 (Brasil, 1961).

Logo, o instituto do refúgio nasce no Direito Internacional a partir da Convenção de 1951, tornando-se o principal diploma legal a regular o tema de refúgio, em uma perspectiva internacional. Tal instituto visa à proteção da pessoa humana em face da sua falta no território de origem ou de residência do solicitante, a fim de assegurar e garantir os requisitos mínimos de vida e de dignidade (Jubilut, 2007, p. 43). As implicações do diploma tornam-no importante ferramenta para a efetivação dos direitos humanos nas relações entre os Estados e os refugiados em situação de vulnerabilidade, perfazendo-se desde sua integridade física até sua legitimação de direitos. Observa-se, portanto, que a efetivação dos direitos dos refugiados depende da vontade dos Estados.

Esta condição exige um processo de conscientização internacional, além de uma educação interna, para que os refugiados não sejam vistos como uma ameaça na visão dos nacionais (Jubilut, 2007). Não obstante, é importante ressaltar que a Convenção de 1951, por mais precursora que tenha sido, dava azo à interpretação restritiva do termo “refugiado”, limitando-o àqueles que já o eram assim considerados antes de 1º de janeiro de 1951. Ademais, é consensual que sua elaboração se deu a fim de resolver os casos de refúgio suscitados pela Segunda Guerra Mundial; contudo, em 1967, as previsões da Convenção continuaram a ser aplicadas, por meio do Protocolo sobre o Estatuto dos Refugiados, que a reformou, a fim de que ela contemplasse casos posteriores a 1º de janeiro de 1951.

Com isso, a parte que a delimitava temporalmente foi suprimida. Não obstante, outro problema em seu art. 1º também a restringia. Sua redação dava margem à concepção de que só aqueles cuja condição decorria de eventos sucedidos na Europa eram refugiados. Essa restrição interpretativa de caráter territorial fez com que o ACNUR, até o final da década de 1960, centrasse sua atuação nos refugiados europeus. Foi nos anos 1970 que seus trabalhos convergiram mais intensamente à América Latina.

Após esse período, guerras civis, ditaduras e catástrofes climáticas apontaram para a necessidade dos órgãos de amparo ao refugiado trabalharem pelo mundo. Desta forma, em

complemento à definição de refúgio tradicional, pontua Liliana Lyra Jubilut (2007, p. 198) que:

Trata-se de um processo administrativo que parece combinar a necessidade do governo de um pedido bem instruído, destinado a evitar fraudes quanto às hipóteses previstas em lei, com as necessidades do refugiado de obter proteção e rapidez em sua integração local.

Esse instituto caracteriza-se como uma situação excepcional na vida de quem a ele recorre, afinal, consoante ao artigo 1º da Lei n.º 9.474, de 1997, aplica-se ao indivíduo que:

[...] devido a fundados temores de perseguição por motivos de raça, religião, nacionalidade, grupo social ou opiniões políticas encontre-se fora de seu país de nacionalidade e não possa ou não queira acolher-se à proteção de tal país; não tendo nacionalidade e estando fora do país onde antes teve sua residência habitual, não possa ou não queira regressar a ele, em função das circunstâncias descritas no inciso anterior; devido a grave e generalizada violação de direitos humanos, é obrigado a deixar seu país de nacionalidade para buscar refúgio em outro país (Brasil, 1997).

Essas situações extremas de vulnerabilidade que devem ensejar a concessão do instituto aos que, sofrendo-as, pleiteiam-no impõem ao indivíduo enorme carga emocional diante daquilo que lhe é desconhecido. Apesar de o refugiado estar em um território soberano (composto por um povo e um governo), o que definiria o conceito de nação, essa nação não é a sua, esse não é o seu povo. Há, também, forte carga emocional, advinda do fato de que o refugiado não deixa apenas sua pátria para trás, mas, muitas vezes, parentes, amigos e pessoas que talvez nunca mais verá.

Estas circunstâncias demandam, pois, o reconhecimento de que o refúgio tem um caráter dramático a si associado, tendo em vista que não são apenas alterados os mecanismos de proteção da integridade física dos indivíduos, mas, em especial, sua subjetividade, de sorte que o não cuidado com a dignidade dos refugiados causa impactos para além daqueles visíveis.

Portanto, busca-se aqui evidenciar os desafios e as dificuldades vividos pelo requerente de refúgio durante o processo de reconhecimento pode auxiliar na conscientização dos cidadãos brasileiros, além de vislumbrar as possibilidades de melhoria na presteza do processo de reconhecimento, favorecendo a eficiência pública. Da mesma forma, procuramos refletir sobre como tais obstáculos apresentam-se para a pessoa refugiada, interferindo na consolidação de sua subjetividade e estrutura psíquica, a partir do conceito freudiano de *Unheimliche* (estranho-familiar ou infamiliar).

## 2. DAS UNHEIMLICHE: O INFAMILIAR E SUA CORRELAÇÃO COM O REFÚGIO

O conceito de *Unheimliche* (estranho-familiar ou *infamiliar*) foi elaborado pelo psiquiatra e neurologista Sigmund Freud (1856-1939) e seu processo de caracterização é descrito por Antonio Quinet (2009, p. 8) do seguinte modo:

Freud uma vez viajava de trem quando, de repente, a porta se abriu e ele viu um homem de roupão em seu compartimento. Ele não simpatizou com o tipo. Entretanto, era a sua própria imagem refletida no espelho preso atrás da porta que se abriu. Freud é afetado pelo objeto olhar que emerge no espelho, do qual se sente subitamente alvo — olhar que desfaz a imagem especular impedindo-o de reconhecer-se: ele é o objeto do olhar antipático do outro. O *Unheimlich* é esse objeto.

O que é *Unheimlich*, estranhamente inquietante, pode suscitar a angústia em sua conotação terrificante e atemorizante. A partir da análise etimológica, Freud chega à equivalência entre o que é estranho (*unheimlich*) para o sujeito e o que lhe é familiar (*heimlich*). A definição de *Schelling* é a mais adequada para colocar em evidência a estrutura da angústia: é qualificado de *Un-Heimlich* tudo aquilo que deveria ficar “no segredo, na sombra, e que conseguiu sair”. Trata-se do objeto *a*, que deveria ficar atrás da porta e que, de repente, manifesta sua presença.

Assim, Freud inicia seus estudos a partir dessa correlação entre o que é familiar e aquilo que causa estranheza: inicialmente, em 1919, devota-se a investigar o conceito por meio dos seus estudos em *Estética: Das Unheimliche* refere-se ao sentimento de inquietação, de estranheza ou infamiliaridade (neologismo criado, em razão da não correspondência mais adequada na língua portuguesa) que se refere a algo, à alguém ou à circunstância que não é de todo desconhecida pelo sujeito, mas que lhe é estranhamente familiar, o que, por sua vez, provoca uma sensação de angústia ou de horror no indivíduo.

Essa dicotomia entre o familiar e o “infamiliar” é ao mesmo tempo o que angustia o vulnerável, o que o inquieta. Como descrito por Freud, *Das Unheimliche* caracteriza-se como:

[...] aquela categoria do assustador que remete ao que é conhecido, de velho, e há muito familiar [...] nem tudo o que é novo e não familiar é assustador; a relação não pode ser invertida. Só podemos dizer que aquilo que é novo pode tornar-se facilmente assustador e estranho; algumas novidades são assustadoras, mas de modo algum todas elas. Algo tem de ser acrescentado ao que é novo e não familiar, para torná-lo estranho (Freud, 2006, p. 238-239).

À sua origem no idioma alemão, *Das Unheimliche* ou “o Infamiliar” refere-se a uma palavra usual que Freud, posteriormente, apropriou em benefício da psicanálise. Conquanto os sentimentos que ela exprime sejam universais, não há palavra em nosso idioma que a

corresponda de modo direito, o que suscitou dificuldades no campo da tradução, como salienta Pedro H. Tavares (2019, p.06):

*Das Unheimliche* é uma palavra e um conceito; o título de um texto e o nome de um sentimento aterrorizante; um domínio desprezado pela pesquisa estética e o efeito da leitura de certos contos fantásticos. Mas talvez seja inapropriado separar palavra e conceito, já que Freud anuncia desde o início o intuito de delimitar com precisão, no interior do vasto âmbito daquilo que suscita angústia e horror, um núcleo específico que justifique a particularidade dessa palavra-conceito (*Begriffswort*), o núcleo específico do *unheimlich*. Mas dizer isso ainda é dizer pouco: partindo de uma intrincada análise lexicológica da palavra-conceito que intitula o ensaio, Freud pretende justamente cingir o real que ela recorta. Para fazê-lo, ele mobiliza uma trama de referências que parte da ciência, passa pela filologia e pela estética, indo até a literatura fantástica, sem nunca perder de vista o que interessa ao psicanalista, convocado desde a primeira linha do ensaio. Num movimento às vezes vertiginoso, Freud se apropria de uma palavra de uso relativamente comum em alemão (pelo menos em seu uso adjetivo-adverbial), empresta-lhe um estatuto conceitual, transporta-a por variadas searas linguísticas e filosóficas, examina a experiência literária que melhor a engendra, escrutina a vivência real que ela recorta, para, ao final, devolver a palavra à língua, mas desta vez com o selo perene da psicanálise. Desde então, sob o impacto dessas investigações, seus leitores nas mais diversas áreas passam a contar com uma apreensão muito distinta da que tinham anteriormente. O *Unheimliche* – tanto a palavra quanto aquilo que ela “designa” – se é que podemos fazer essa distinção – não é o mesmo antes e depois da publicação desse ensaio, em 1919, há exatos 100 anos. Definitivamente, a análise empreendida por Freud modifica não apenas a língua alemã, acrescentando um sentido e um emprego inauditos, mas ainda exporta para todas as línguas através das quais a psicanálise se difundiu um significante novo e incômodo, um vocábulo, a rigor, intraduzível.

Para Marlos Gonçalves Terêncio (2013, p. 93), “[...] o *Unheimlich* é um caso *sui generis* dentro do campo da angústia neurótica: ele somente surge como resultado de uma vivência que reativa o complexo recalcado, mesmo que fugidamente”. Porém, para além deste aspecto específico de constituição da subjetividade ou da estrutura psíquica de um indivíduo, o sentimento de *Unheimlich* também tem uma conotação de cunho social.

Não é por outra razão que Rafael da Silva Shirakava (2019, p. 138) defende que o conceito de *Unheimliche* deve ser entendido em dois planos: na metapsicologia freudiana, o infamiliar associa-se aos conteúdos da aparelhagem psíquica do indivíduo, constituindo sua história subjetiva e, portanto, fundamental para sua formação, como também se relaciona, no plano social, à sensação de angústia ou de estranhamento que promovem a reação dos sujeitos na presença de indivíduos que mobilizam afetos.

Para Juliana Bartijotto (2021), Freud demonstra que todas as formações sociais são realizadas pela anterior formação de laços horizontais entre os sujeitos (em um processo de identificação imaginária ou simbólica, *estádio do espelho*) e por laços verticais com algum

líder. Isso implica reconhecer que há, na constituição do Eu, a relação inevitável com o Outro, esse que espelha a imagem de semelhança ou dessemelhança que projeto para identificar a mim mesmo.

Como ressalta Mônica Medeiros Kother Macedo (2022, p. 6-7), “[a] psicanálise enfatiza o fato de a constituição do sujeito psíquico se dar a partir do encontro com a alteridade primordial, via práticas de um cuidado inaugural”. Isso significa dizer a sua inserção em um espaço que lhe é estranho às suas prévias relações interpessoais amplifica a sensação de estranheza e de solidão, isolando-o em um mundo de incertezas cujas narrativas mantêm-no na constante indefinição de um futuro e, no limite, da própria identidade.

Quanto mais alheio à sua prévia constituição social, mais sujeito às violências e aos processos de objetificação, despersonalizando-o de sua própria história. A subjetividade fica, assim, severamente afetada, com a perda de significações relevantes para a constituição da personalidade que todos portamos. Em outras palavras, a *persona* fica sem caracterização já conhecida, exigindo-se daquele que experimenta a sensação de *infamiliar* abrupta mudança.

Segundo Juliana Bartijotto (2021, p. 15):

O *Unheimlich* está intimamente ligado à identificação e à ideologia; assim, [...] o *Unheimlich* emerge na relação do sujeito com o Outro/outro. Esse Outro/outro pode ser encarnado em imagens, cenas, personagens etc., sendo familiar e estranho ao mesmo tempo, sendo que esse estranhamento/familiaridade vai depender da identificação e da interpelação ideológica.

Assim, vistos os traços panorâmicos da teoria do infamiliar, cremos que o conceito de Freud pode aplicar-se às pessoas em situação de migração e, especialmente, às pessoas em situação de refúgio. O objetivo da pesquisa é o de analisar o processo de reconhecimento da condição de refugiado a estrangeiro, em situação de vulnerabilidade, e estimar o impacto que a morosidade do processo tem na integração local do refugiado que, já a partir do conceito freudiano de *Unheimliche* (infamiliar), experimenta um estado de inadequação de sua subjetividade ao contexto inédito do país que oferece o refúgio, considerado esse estranhamento com o Outro, que não é capaz de espelhá-lo.

Como defende Mônica Medeiros Kother Macedo (2022, p. 9):

A invisibilidade imposta ao refugiado e ao migrante dá, portanto, especial testemunho da crueldade presente em relações desiguais. Nelas o atendimento efetivo às demandas de cuidado e a atenção à singular condição do outro são inexistentes, logo, também se faz ausente qualquer disposição genuína a acolhê-las e, assim, reconhecer sua legitimidade. Na aproximação do conceito de desmentido a esse contexto, a indiferença e seu poder dessubjetivante impõem ao sujeito o



*desmentido de sua condição de ser e da percepção da injustiça sofrida, dissimulando as reais condições do entorno na produção de seu padecimento. [...]*

Gustavo Oliveira de Lima Pereira (2009, p. 33) em sua obra “*Direitos humanos e hospitalidade: a proteção internacional para apátridas e refugiado*”, defende que a hospitalidade é uma característica integrante do processo de refúgio, fazendo com que o país tenha o dever de integrá-lo em todas as áreas de sociabilidade: trabalho, educação, saúde, lazer etc.

Desse modo, com base nesse conceito freudiano, crê-se que a morosidade na concessão de refúgio possa ser uma ferramenta de revitimização, o que para Freud é acrescentado ao novo, e o torna angustiante. Diante disso, ao lidar com os trâmites legais para a concessão do instituto supracitado, cabe aos juristas investigar qual o compromisso do Direito Internacional Público, bem como o do Direito Pátrio, com o bem-estar dos sujeitos de direitos diretamente vinculados ao instituto do refúgio, pois sua morosidade pode comprometer ainda mais a integração social dessas pessoas, o que fomenta uma revitimização desnecessária.

### **3. MÉTODO QUALITATIVO COM ENTREVISTAS SEMIESTRUTURADAS**

Para a realização da pesquisa, foi utilizado método de cunho qualitativo a partir do levantamento bibliográfico e pela coleta de dados em entrevistas semiestruturadas com pessoas em contexto de refúgio que estavam localizadas em Brasília/DF, para fins de se destacar significados socialmente compartilhados e os aspectos subjetivos decorrentes de sua percepção quanto à morosidade dos procedimentos formais de reconhecimento do status de refúgio e seu impacto ou contribuição para o fortalecimento da noção de infamiliar, segundo a teoria freudiana.

Segundo Minayo (2016), tais representações e significações dos indivíduos são parte da realidade social, na medida em que os seres humanos diferenciam-se não só em seu modo de agir, mas também de pensar e interpretar suas ações a partir da realidade em que se insere, sendo, portanto, fundamental a escuta direta de suas experiências singulares para a compreensão de determinadas categorias sociojurídicas, como o refúgio em si.

Para o desenvolvimento da pesquisa, utilizamos o método qualitativo por meio de levantamento dos conceitos utilizados acerca do tema, segundo a doutrina jurídica e

jurisprudência vigentes, contando ainda com o apoio do instrumento de coleta de entrevista, para levantamento de dados coletados em diálogo com solicitantes de refúgio e refugiados.

Segundo Zina O'Leary (2019), a entrevista é o instrumento que permite a obtenção de dados relativos às experiências e subjetividades da pessoa entrevistada e que conduzem ao melhor entendimento sobre o fenômeno que a cerca, mesmo objeto de estudo do pesquisador. As entrevistas podem ser realizadas de modo formal (em que o pesquisador assume uma distância da pessoa entrevista e opera de modo objetivo) ou informal (com flexibilidade dos papéis para estabelecer uma relação de mútua compreensão com a pessoa entrevistada).

Ainda, as entrevistas podem ser caracterizadas como estruturadas ou semiestruturadas: naquelas, o entrevistador segue um roteiro de perguntas que são previamente designadas segundo o problema de pesquisa e suas hipóteses, não havendo possibilidade de alteração ou de adaptação, ao passo que nestas (entrevistas semiestruturadas) dá-se uma entrevista maleável que visa a garantir a liberdade tanto do entrevistador (para desenvolver as perguntas conforme as necessidades de cada situação), quanto do entrevistado (que se sente em uma conversação, o que gera, pois, empatia e maior possibilidade de modulação do seu discurso).

Dadas tais diferenças, optou-se pela realização de entrevistas informais e semi estruturadas, na modalidade focalizada, segundo a qual há um roteiro de tópicos a serem explorados pelo pesquisador que se relacionam ao problema e às hipóteses de pesquisa, garantindo-se à pessoa entrevistada a fala livre à medida que os aborda e ao pesquisador um direcionamento da conversação, já que cabe ao entrevistador conduzir a entrevista de modo a não deixar que a pessoa entrevistada se desvie do assunto.

Foram selecionados para participar da pesquisa homens e mulheres adultos que estavam no Brasil na condição de refugiados e no aguardo de decisão administrativa do CONARE para seu reconhecimento formal. Estimamos a participação de cinco participantes, tendo conseguido a autorização de quatro deles.

O recrutamento foi feito, primeiramente, junto ao Instituto Migrações e Direitos Humanos (IMDH), associação sem fins lucrativos e de caráter filantrópico, vinculada à Congregação das Irmãs Scalabrinianas que presta atendimento jurídico e socioassistencial à acolhida humanitária de pessoas migrantes, solicitantes de refúgio, estando situada em Brasília. Após a apresentação da proposta de pesquisa, foi colhida a autorização para

desempenho desta etapa de coleta de entrevistas na sede, por meio da apresentação, leitura e esclarecimento do Termo de Aceite Institucional [ANEXO C].

Colhida a assinatura para a apresentação, submetemos o projeto de pesquisa ao Comitê de Ética em Pesquisa do Centro Universitário de Brasília para a autorização de abordagem junto às pessoas que se deseja entrevistar. Autorizada a realização da pesquisa [ANEXO A], agendamos as entrevistas com os participantes que atenderam aos critérios de inclusão<sup>1</sup> e lhes apresentamos o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido [ANEXO B], em suas versões em português, francês e espanhol (em razão das possíveis origens da pessoa entrevistada), e esclarecemos o teor da pesquisa, seu objetivo e os direitos inerentes do participante. Aqueles que desejaram participar, assinaram o TCLE, após esclarecimento de dúvidas finais, dando-se início às entrevistas semiestruturadas que tiveram a duração de uma hora.

Como perguntas norteadoras das entrevistas, servimo-nos das seguintes:

- 1) Qual é o seu nome e, caso saiba, qual o significado dele?
- 2) Há quanto tempo você está no Brasil?
- 3) De algum tempo para cá, você observa diferenças na maneira como é tratado, em comparação a quando chegou? Se sim, a que você atribui isso?
- 4) Qual é a sua condição alimentar atual? Onde e como faz suas refeições?
- 5) Já viveu em outra região do país?
- 6) Já viveu em outro Estado, além do Brasil e de sua terra de origem?
- 7) Acha que os brasilienses, em comparação a outros brasileiros com quem você tenha convivido, são mais ou menos receptivos, calorosos e solidários do que os demais?
- 8) Qual é a sua percepção sobre a burocracia enfrentada por quem almeja a condição oficial de refugiado?
- 9) A crise econômica decorrente da pandemia trouxe quais consequências para a sua estadia aqui em Brasília?
- 10) Caso sua chegada tenha sido posterior ao isolamento social pela COVID, pode nos dizer como conseguiu se preservar do contágio?
- 11) Qual a sua condição de acesso material hoje em dia?

---

<sup>1</sup> Foram critérios de inclusão os seguintes: a participação de homens e mulheres, adultos (acima dos 18 anos de idade), de nacionalidade estrangeira e cujas línguas oficiais sejam francês ou espanhol, que residam em Brasília/DF e que estejam aguardando a emissão do registro de imigrante reconhecido como refugiado pelo Comitê Nacional para os Refugiados - CONARE.

12) A entidade que lhe acolhe estimula e facilita seu contato com seus familiares?  
Tem trabalhado para incluí-lo na sociedade?

13) Quais são suas expectativas para curto, médio e longo prazo?

14) Tem conseguido expressar-se religiosa e culturalmente na sociedade brasileira?

15) Suas tradições culturais são respeitadas?

16) Qual era seu ofício no país de que veio? Acha possível que ele seja exercido aqui?

17) A barreira linguística dificulta a comunicação ampla? Quais meios alternativos a ela você usa para se expressar?

Os participantes foram informados também que a qualquer momento, sentindo-se desconfortáveis com a pesquisa ou tendo dela desistido, poderiam interrompê-la, sem que isso lhe causasse qualquer prejuízo, circunstância que não aconteceu. Do mesmo modo, nós informamos que estava assegurado o seu direito ao anonimato, preservando-se o seu nome e identidade quando da publicação final, outro fato que, espontaneamente, os entrevistados abriram mão de exercer.

Colhidas e gravadas as entrevistas, promovemos a análise de conteúdo, método formado a partir do conjunto de estratégias que são empregadas para a investigação do teor das informações obtidas (Bardin, 2011). Nesta análise, valemo-nos das três fases: a) pré-análise: organização dos dados colhidos, degravação das entrevistas e separação dos temas a partir de um panorama geral sobre o seu teor; b) exploração do material: nessa fase, procede-se à categorização e codificação dos dados, procedendo-se à descrição analítica guiada pelas hipóteses e referenciais teóricos e, por fim; c) tratamento dos resultados: nesta última fase, procede-se à inferência e à interpretação, à procura de significação das mensagens, intercalando-se os discursos colhidos à luz de análise reflexiva e crítica. Aqui, os resultados têm como objetivo constituir, compreender e entender os conteúdos integrados.

Feitas as considerações metodológicas, passamos a examinar o conteúdo das entrevistas.

No afã de lidar psicanaliticamente com as entrevistas colhidas a este artigo, optou-se por constar no texto, inclusive, as reações dos entrevistados, que transcenderam suas palavras. Para tanto, as entrevistas estão dispostas em texto único, corrido, em que algumas partes tiveram de ser omitidas, e a literalidade das falas, dispensada.

Cumpramos relatar que, inicialmente, aspirávamos entrevistar refugiados de diversas origens, motivo pelo qual entrou em contato com venezuelanos, haitianos e um sírio, todos

residentes em Brasília. Todavia, malogramos em tentar colher os relatos desses dois últimos grupos. O sírio, comerciante ambulante, mostrou-se entusiasmado com a ideia de colaborar na pesquisa. No entanto, marcado o dia em que seria entrevistado, passados menos de cinco minutos da hora marcada, disse que, após ter pensado melhor, não participaria. Ato contínuo, bloqueou-nos no aplicativo de sua lista de contatos, do aplicativo *WhatsApp*.

Quanto aos haitianos, foram três os contatados, dois homens e uma mulher. O primeiro, com quem fizemos contato nas cercanias do Conjunto Nacional, exercia o mesmo ofício do sírio, e pouco falava português, diferentemente deste. À ocasião, forneceu seu número de contato para nós. Todavia, não respondeu às nossas mensagens. Em uma nova ida ao local, não encontramos o pretense entrevistado, motivo pelo qual o abandonamos. O segundo haitiano, ao ser interpelado, agiu como o primeiro.

O terceiro contato dessa origem, era a indicação que mais nos instigou, inicialmente. Tratava-se de uma mulher cega, cuja história já havia sido transmitida em rede nacional, em um programa da jornalista Fátima Bernardes, da Rede Globo de Televisão. Com todas as dificuldades de sua condição, potencializadas pelas situações de refúgio e desamparo familiar em que se encontrava, e por sua negritude, conseguiu se formar em Direito. O IMDH, Instituto de Miración e Refúgio, intermediou o contato com ela. Nós telefonamos uma primeira vez, tendo sido retornados alguns dias depois. Ela quem estava ao telefone. Disse estar disposta a ser entrevistada, mas que só o poderia dentro de um mês.

Passado esse prazo, entramos novamente em contato com ela, que pediu mais duas semanas, ao final das quais daria a entrevista. Esperançosos, ao fim do tempo demandado, telefonamos. Da linha, ela lhe disse estar estudando para concurso, e que por isso não poderia conceder entrevistas, no momento, mas que se ele esperasse mais alguns meses, poderia atendê-lo. Diante dessa recusa indireta, optamos por fazer constar somente relatos de refugiados venezuelanos.

Nesse ponto, dois deles já tinham sido entrevistados, isto é, Emanuel e Cristian, e outras recusas indiretas já haviam se dado. Este foi indicação daquele, que por sua vez, foi também recomendado pelo IMDH. A escolha de se afunilar o objeto de pesquisa, acredita-se, fomentou análise mais aprofundada do perfil majoritário do refugiado no Brasil, que é, em geral, hispano-falante, venezuelano, vindo ao país por vias terrestres, afetado por *“grave e generalizada violação de direitos humanos”*. Em contraposição, os haitianos vindos para cá, em sua maioria, podiam ser enquadrados em um conceito novo, o de Refúgio

Climático. Vieram ao Brasil, devido às catástrofes climáticas ocorridas em seu país, na primeira década do presente século, que resultaram em milhares de mortes, e no desamparo de milhões de pessoas.

Contudo, há efetivamente haitianos que tenham vindo à região por causas típicas de quem se enquadra na concepção tradicional de refúgio, mas tanto neste caso quanto naquele, a quantidade de pessoas dessa origem, e as distâncias cultural e linguística delas, em relação aos venezuelanos, levou o pesquisador à triagem vista neste artigo. O refugiado Cristian, por exemplo, relatou que o primeiro país em que se refugiou foi o Peru, e Enmanuel disse que tem familiares refugiados na Colômbia, na Itália e na Espanha.

Para além de constatações numéricas como a que se vê acima, a análise das experiências colhidas convergiu, por exemplo, à evidência de que as culturas do refugiado e a de seu lugar de refúgio possuem repressões e tabus em comum. Constatou-se que em nenhum dos entrevistados os aspectos negativos do choque cultural entre o lugar de onde vieram e aquele em que se refugiaram foi mais impactante do que o alívio sentido diante da positiva mudança que o Refúgio os propiciou. Esse fato reforça a situação de vulnerabilidade em que viviam, e demonstra a necessidade premente de se fazer o possível para que sejam bem acolhidos, o que os ajuda a reconstruir suas vidas, ressignificá-las, e, quem sabe, serem gradativamente emancipadas dos traumas de sua vida pregressa?

Assim, por exemplo, ver-se-á que um dos entrevistados esperou quatro anos por essa concessão. Sob outra ótica, a integração social do indivíduo é elementar. Para tanto, cabe à sociedade se empenhar em ajudá-lo, ou, no mínimo, não lhe colocar entraves. A propósito disso, o brasileiro, por exemplo, pode orgulhar-se, afinal, em pergunta aos entrevistados desta pesquisa, todos o elogiaram. Deve-se ressaltar que nesta capital há diversos programas de amparo às pessoas em condição de vulnerabilidade social, questão que afeta a muitos refugiados. Com isso, são assistidos por programas de distribuição de alimentos, sextas básicas, por iniciativa de entidades religiosas, ONGs e institutos, como o Instituto de Migración e Refúgio (IMDH). Todavia, o amparo estatal a essas iniciativas é precário, segundo a própria responsável por este instituto, Irmã Rosita. Na realidade, a assistência recebida por iniciativas particulares não basta, e a burocracia do sistema, cumulada com a desinformação instaurada em repartições públicas, servem de obstáculos à vida do refugiado na região. Ver-se-á que uma das entrevistadas, por exemplo, teve seu Auxílio Brasil interrompido por um tempo, mesmo sendo idosa e, dada a sua condição clínica frágil, não poder trabalhar.

### 3.1. Cristian

Cristian, vinte e seis anos, saiu da Venezuela ao Peru, país em que viveu por dois anos. De lá, veio ao Brasil, onde vive há três anos. É jornalista de formação, a despeito de ainda não ter conseguido validar seu diploma em território brasileiro. Atualmente, possui uma agência de publicidade, em São Sebastião, Distrito Federal. Também atua em prol de seus conterrâneos, ajudando-os a se cadastrarem em programas governamentais, como o Renova DF, e a regularizarem sua situação civil no Brasil.

Diferentemente de Enmanuel, como veremos, ele não pleiteou reconhecimento como refugiado. Preferiu solicitar residência, alternativa legítima, e, conforme pontuou, comumente adotada por venezuelanos. Desse modo, em pouco mais de um mês, foi deferida sua Residência Provisória, e, passados dois anos desse evento, recebeu sua Residência Definitiva.

O motivo que o trouxe ao Brasil, foi a discriminação que sofreu no Peru, lugar transitório, entre seu ponto de partida e aquele lugar em que atualmente refaz sua vida. Em realidade, ser venezuelano no Peru é, segundo ele, ter a mídia, as polícias e a sociedade contra si. Ao longo da entrevista, Cristian esmiuçou esse assunto, e descreveu ricamente os problemas em sua terra natal, que o levaram ao exterior. Brasília foi seu destino escolhido, por uma tia sua morar nessa cidade. Ele conta que saiu da Venezuela ao Peru, porque outras pessoas de sua família, como seu pai, já haviam feito o mesmo. Salientou que esse percurso era mais plausível do que outros, e mais fácil, por exemplo, do que aquele capaz de levá-lo ao Brasil. Ademais, a barreira linguística teve certa influência em sua decisão, afinal, ao lidar com um país de fala hispânica, não precisaria aprender outro idioma. Mas, acima de tudo, o que o levou à sua escolha, era a necessidade premente de escapar da realidade em que vivia.

Cristian percorreu sozinho ambos os trajetos. Seu pai continua no Peru. O pesquisador, de início, não concluiu se o entrevistado não se relaciona bem com seus familiares, que vivem esparsos pelo mundo, ou se as circunstâncias de crise os levaram a essa sina solitária. Mas ao final se pôde depreender que, pela idade de seu pai, era-lhe assombrosa a ideia de se mudar novamente, e se distanciar ainda mais de suas origens, ao ser compelido ao aprendizado de cultura e idioma distantes que qualquer uma das experiências por que ele já havia passado.

Sobre sua vida no Peru, era visível em Cristian sua vontade de falar, fazer denúncias e críticas à vida que experimentou lá. Disse ter ouvido muitos relatos de seus conterrâneos, sobre trabalharem o mês todo, e seus empregadores, muitas vezes, se recusarem a pagá-los. De sua parte, sofreu fortes humilhações, e sentia que as autoridades locais eram condescendentes com os xenofóbicos que as infringiam-lhe, e, mais do que isso, muitas vezes agiam pior.

Cristian relatou uma briga, em que um venezuelano se defendeu de um ataque, sofrido por um local. Chegadas as autoridades, levaram aquele. Disse que a mídia local contribui para o estereótipo de venezuelano, a quem o povo peruano toma como inferior, por sua origem, e propenso à criminalidade. Acrescentou que o venezuelano, por trabalhar por salários menores, dada sua necessidade urgente de suprir a si e a sua família, naquele ambiente novo, era mais requisitado do que os locais. Afinal, eles aceitavam remuneração abaixo do salário mínimo local, o que os tornava mais lucrativos ao empregador.

Nos restaurantes, sobretudo, essa era uma realidade recorrente. Os valores para a emissão de documentos necessários à sua regularização eram altíssimos no Peru. Perguntado se por lá não haviam institutos de proteção ao trabalhador, como os que há no Brasil, ele disse que setenta por cento da economia peruana é informal, e que são poucas as empresas que contratam formalmente seus funcionários. Portanto, a regra é que se trabalhe em regime de pro labore, uma vez que a maioria dos trabalhadores não tem “contrato laboral”, isto é, o equivalente a nossa Carteira de Trabalho.

Em dado momento, nós lhe perguntamos se organismos internacionais, sindicatos ou instituições humanitárias tinham atuação, diante do cenário apresentado. Em resposta, Cristian disse que há uma ONG, fundada por venezuelanos, cuja atuação principal consistia em denunciar ilegalidades e abusos de poder contra seu povo. Gradativamente, ela passou a adquirir vitórias nas esferas administrativa e judicial. Uma dessas resulta do seguinte acontecimento: O governo exigia a renovação periódica de certa documentação de refúgio provisório, com a aplicação de multas altíssimas, na ocorrência de atrasos.

No entanto, a data para renová-la, que constava nela própria, era diferente da que figurava no sistema do órgão responsável. Individualmente, era árduo e, na maioria das vezes, impossível a um venezuelano poder apresentar essa narrativa, e se escusar daquela imposição pecuniária. Ao reunir diversas pessoas que passaram por isso, a ONG enfrentou essa questão, e, com isso, algumas multas foram revogadas. Seu trabalho incomodava, fato



comprovado quando, um dia, policiais a invadiram, e tentaram fechá-la, sem ordem judicial. Eles se justificaram, alegando que a ONG fazia funcionar, ilegalmente, em suas dependências, uma creche, e que deveriam apurar isso. Em realidade, algumas famílias venezuelanas deixavam suas crianças com o voluntariado, enquanto iam à procura de emprego.

À certa altura, o perguntamos se houve algum acontecimento marcante, que sacramentou sua decisão de partir. Essa pergunta o levou a dizer que o estopim para a sua saída do país ocorreu em seu lugar de trabalho, quando era funcionário em uma sorveteria. Já trabalhava há quase um ano lá, quando, em uma manhã, o dono do estabelecimento trouxe alguns policiais consigo, para quem falou, apontando o dedo para Cristian: “Foi ele!”. Sem entender nada do que se passava, o entrevistado foi intimidado por aqueles agentes, que lhe perguntavam insistentemente “Por que você furtou?” (Herrera, 2023).

Queriam dele alguma coisa, para além do que ele já dizia, isto é, que não sabia do que estavam falando, porque não havia feito nada. Em realidade, queriam uma confissão. Como esta não veio, Cristian foi intimidado a levá-los até sua casa, em que pese não houvesse qualquer mandado judicial, para que aferisse se, de fato, não havia nenhum objeto furtado por lá. Após vasculharem seus pertences, perceberam seu equívoco. Decorre que o dono da sorveteria deu falta de duas mil caixas de sorvete, ao fazer o balanço anual. Visto que consigo trabalham peruanos já conhecidos, e familiares seus, o homem teve convicção de que só um venezuelano poderia tê-lo furtado.

Com isso, sem sequer pedir explicações, ou um diálogo prévio, acionou a polícia, que, no uso ilegítimo de seu poder, protagonizou esse deplorável incidente. No plano lógico, seria impossível que Cristian tivesse feito aquilo, afinal, por não possuir congelador, não poderia ter condicionado toda aquela mercadoria, e por não possuir carro, seria incapaz de transportá-la. As câmeras de segurança foram recorridas posteriormente, e corroboram para a lógica inocência do entrevistado. Ademais, a loja fica em um ambiente movimentado, em que todos o conhecem. Cristian acredita que um dos familiares de seu antigo empregador deve ter-lhe inculcado a ideia de que seu funcionário estrangeiro é que poderia ter cometido o delito em questão. Acredita que esse ardil tencionasse ocultar o verdadeiro culpado.

Em resumo, após esse incidente, Cristian constatou que sua vida por lá seria insustentável, dado que era refugiado, e, por isso, nunca o respeitariam. Enquanto era levado, de camburão, até sua casa, temeu por sua vida. Até hoje se impressiona com a maldade humana, e com a covardia de ser chefe, a quem ele tinha como uma pessoa

honesto. Essa passagem o fez ter a certeza de que, em qualquer situação intensa, ele seria preterido, subjugado e recriminado, por ter nascido em um lugar diferente daquele em que tentou viver.

Ainda sobre os policiais de lá, disse que extorquiam muitos venezuelanos, sobretudo os que trabalhavam como vendedores ambulantes. Em retrospectiva, disse que as leis brasileiras voltadas à proteção do refugiado são muito melhor elaboradas, eficazes e humanas, afinal, aqui, salvo por pouquíssimas exceções, o que é permitido a um brasileiro também o é a um refugiado. No Peru, a discriminação “vinha de cima” (Herrera, 2023). No Brasil, ele pôde ter carteira assinada, fazer provas como a do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), concursos públicos, etc. Alegria-se em contribuir ao Renova DF, iniciativa governamental que já formou e ajudou mais de 800 refugiados.

Contudo, nem tudo é perfeito no lugar que o acolheu. Indagado sobre os aspectos negativos de se viver no Brasil, disse que falta muita informação no país, sobretudo para as empresas. O desemprego é alto, a despeito de haver muitos imigrantes, sedentos por um posto de emprego, que têm qualificação profissional, mas que não são contratados, porque no Brasil, segundo suas impressões, só o são aqueles que possuem QI, isto é, “quem indica” (Herrera, 2023). Em franqueza, levar currículo, sem apadrinhamento ou indicação, faz com que, em sua percepção, a pessoa jamais seja empregada. Contudo, muitas vezes, a indicação de um “amigo do rei” (Herrera, 2023) é inferior, moral e profissionalmente, mas ela leva o cargo, tão somente por ser uma indicação. Ressalte-se que essa crítica feita pelo entrevistado, não é especificamente contra a maneira como tratam os refugiados no país, mas contra o que o sistema infringe no cidadão, o que afeta, também, os estrangeiros.

Ao tecer outra crítica, declarou “Agora, com nossas pressões, melhorou” (Herrera, 2023), mas o protocolo da polícia Federal, não era aceito legitimamente pelas empresas, sobretudo por bancos, mesmo que a lei dispusesse que tal documento é válido para o exercício dos atos que o refugiado almejava praticar, até que lhe conferissem um documento mais completo. Afirmou que as próprias agências do trabalhador não sabiam que o protocolo era um documento válido. Para ajudar seus conterrâneos, Cristian muitas vezes levou a lei impressa às instituições, para que fosse realmente concedido o que procuravam alcançar. Era muitas vezes impelido a dizer que, caso não aceitassem, acionaria a polícia.

Como esclarecido, ele teme que muitos refugiados, por não terem tido acesso às informações que lhe foram dadas, tenham perdido diversas oportunidades. Acrescenta que a

pressão social e econômica decorrente do desemprego é que leva à criminalidade. Portanto, acredita que todo o possível para que as pessoas tenham acessos a seus direitos, e os empregadores, aos currículos delas, deve ser feito pelas autoridades. Em um dos momentos auge da entrevista, Cristian disparou: “Não quero sobreviver aqui no Brasil, quero viver!” (Herrera, 2023).

Como a vida o impeliu a sobreviver demais, na Venezuela e no Peru, é natural que, aqui, ele queira realizar as conquistas, e saborear os prazeres que não pôde naqueles países. Em continuidade às críticas que teceu, disse que, em sua percepção, a burocracia do Brasil é um incômodo que afeta a todos, mas, sobretudo, aos mais jovens. É-lhes exigida experiência, mas ninguém lhes garante um primeiro emprego para isso.

Ainda sobre a questão empregatícia, Cristian apontou, com tristeza, seu insucesso em revalidar seu diploma de Jornalismo. Não consegue trabalhar em sua área, senão como autônomo. Para além dos entraves burocráticos, a saúde pública é, segundo ele, outro ponto a se melhorar. Na teoria, o SUS é muito bom, mas na prática, segundo acredita, acha que esteja pior do que na Venezuela.

Passa-se oito horas em uma fila, por uma dor de dente. Caso o estado de saúde do paciente não seja terminal, aqui, não há atendimento eficaz. Perde-se um dia inteiro, caso se queira resolver um problema simples. Para dirimir esses problemas, Cristian acredita ser importante haver mais contratações. Ele contou a ocasião em que uma médica de plantão se negou a colocar anticoncepcional em sua mulher. Declarou que a funcionária que a atendeu estava ociosa, mas disse que só faria esse procedimento na segunda-feira. Caso ele não tivesse falado com o gerente da unidade, sua mulher não teria sido atendida. Por isso, Cristian aponta a falta, também, de fiscalização. Segundo ele, as atendentes são mal preparadas, ríspidas e pouco trabalham. Em contraponto, há bons equipamentos, que simplesmente não são operados. Deve-se melhorar o atendimento. Para tanto, recomenda a cada um dos pacientes que presenciarem irregularidades a acionar a ouvidoria, sempre.

Em retomada ao assunto do emprego, Cristian pontuou que o empregador brasileiro tem, segundo suas observações, o mau hábito de não levar em consideração, em uma entrevista de emprego, aqueles que tenham qualificações profissionais superiores às exigidas pelo cargo. Ele deu o exemplo de um conhecido seu, que, tendo bom nível de especialização e técnica, maior do que o comumente exigido, ser contratado como operador de caixa, cargo que cobiçava em dado momento, percebeu que deveria omitir suas qualificações, ou jamais

seria contratado. Após esse relato, Cristian desabafou sua crença de que, às vezes, “esclarecimento é uma ameaça” (Herrera, 2023).

Novamente exemplificando o assunto, disse que sua tia é formada em administração, faz curso de enfermagem, mas não é tomada em consideração, pois seus pretensos chefes imediatos temem que ela os substitua. Ao sair desse assunto, Cristian foi indagado sobre como era tratado em Brasília. Sua resposta foi de encontro às de outros entrevistados, afinal, considerou que o povo brasileiro o trata com muita urbanidade, alegria, e até o ajuda com mais prestatividade, em casos onde ele se vê confuso, em decorrência da barreira linguística, que o impede, por ora, de ser considerado legitimamente brasileiro, segundo brincou à entrevista.

Mas pensa que essa solicitude não seria observada, por exemplo, caso ele vivesse em Boa Vista, lugar em que há expressiva quantidade de venezuelanos. Acerca da instrução daquele povo, disse que, mesmo sendo instruídos, são muito desinformados. Afirmou que os de esquerda pensam que os problemas da Venezuela se resumem aos bloqueios econômicos sofridos por outros países. Disse que é a “narrativa do bloqueio” (Herrera, 2023), enquanto os de direita tomam certos discursos extremistas por incontestáveis, só por seus feitos os terem proferido.

Em manifestação final sobre o assunto, considerou que o brasileiro é partidário fanático, ou do Lula ou de Bolsonaro, e que não aceita críticas à sua ideologia. Em desabafo sobre uma notícia recente, a de que o Brasil comprará energia da Venezuela, Cristian disparou: “Qual energia o Brasil vai comprar da Venezuela, se lá sequer tem energia para o povo?” Sobre Nicolás Maduro, definiu-o como um narcotraficante, e lhe elegeu destino e palavras nada polidos (Herrera, 2023).

Ao inverso de como caminharam as demais entrevistas, neste ponto é que se falou sobre o tema família. Cristian provém de classe média, posição social que a família conseguiu manter, mesmo depois de seu pai, por uma reviravolta econômica, passar a ser comerciante de picolé, na praia, nos anos iniciais do governo Chávez. Estudou em faculdade particular. Trabalha desde jovem. Em seu último ano de estudo, foi demitido do banco em que era funcionário, e passou a vender picolés junto de seu pai, para poder continuar a pagar sua mensalidade. Naqueles anos iniciais, as coisas não haviam desandado, segundo ele. Hoje, porém, o salário mínimo na Venezuela é de sete dólares, o que torna inviável qualquer pretensão, inclusive, a de subsistir. Depois de formado, Cristian trabalhou em jornais, e de lá

viu uma grande evasão de seus conterrâneos, para os Estados Unidos, para a Europa e para países como Colômbia, Chile e Equador.

Os piores anos da crise o levaram à fome e à subnutrição. Cristian se emocionava, ao contar os inúmeros racionamentos de energia, gás e comida, por que passou com sua família. Disse que boa parte da alimentação de lá vem do Brasil e do México, como farinhas, produtos da empresa Sadia, e afins. Contudo, em terra faminta, valia muito mais do que podiam pagar as famílias cuja renda não ultrapassava o salário mínimo local. Com a reforma agrária, os que receberam terras não eram capazes de plantar, por faltarem sementes. Os que as conseguiam, porém, receavam que, após as plantarem, o governo lhes tirasse toda sua plantação, ou facções criminosas o fizessem, e os matassem. Em recordação de seu tempo de militância, disse que há repressão fortíssima do governo a estudantes, e que ele próprio presenciou isso.

Portanto, vê-se que Brasília não suscitou em Cristian as angústias inatas a um lugar infamiliar, dado o conceito freudiano. Ao revés, aqui ele pretende ressignificar sua vida, passando a vivê-la, em vez de se concentrar em apenas existir, como teve de fazer, antes de adotar essa capital como seu lar. Sua narrativa demonstra seu caráter forte, sua perspicácia, e o fato de que os problemas a serem enfrentados por estrangeiros no Brasil são, em sua maioria, aqueles também enfrentados pelo restante da população carente local.

### **3.2 Enmanuel**

Enmanuel tem trinta e dois anos. Destes, passou os quatro últimos no Brasil, país em que tenta se reconstruir, como nos disse, em dado momento de sua entrevista. Em seu país de origem, para além de familiares e outras fortes referências emocionais, deixou incompleta uma graduação em engenharia. Estava no oitavo semestre. Ao ser contatado, alegre e prestativo, Enmanuel rapidamente encontrou espaço em sua rotina, para conceder uma entrevista. Foi entrevistado no Campus do Centro Universitário de Brasília, CEUB. Dono de um atraente “portunhol” (Palmares, 2023), Enmanuel foi sendo entendido por nós pesquisadores, que, como ele, agimos como se fôssemos fluentes nessa língua. Brincadeiras à parte, é preciso salientar que algumas frases do entrevistado, menores, em geral, foram ditas em Espanhol, e, por isso, foram transcritas nessa língua; aquelas que foram proferidas no português, ou, no mínimo, tencionavam sê-lo, foram trazidas em português ao texto.

Nessa ocasião, mostrou-se interessado pela atividade acadêmica da instituição, e revelou seu sonho de continuar seus estudos. Após tratarmos de assuntos diversos com ele, conforme impõem os costumes de um primeiro encontro, perguntamos sua trajetória da Venezuela ao Brasil. Em resposta, disse que, saído de seu país natal, chegou a Boa Vista, capital de Roraima, em que ficou por um mês, até aderir ao programa de interiorização do Governo Federal, que o trouxe a Brasília. Foi reconhecido como refugiado pelo CONARE somente neste ano, 2023, embora o tenha solicitado logo nos primeiros dias de sua estadia no país. Em que pese seja, a seu ver, injustificável essa demora, por ter sido bem acolhido durante esse tempo, tanto pelos institutos e ONGs de amparo à pessoa refugiada, quanto pela sociedade brasileira, afirmou que a falta desse formalismo não o afetou consideravelmente.

Importa ressaltar que, logo após sua chegada, teve emitido seu CPF. Como documentos que o identificassem, tem sua Carteira de Trabalho, também adquirida no início de sua estadia no Brasil, e, há dois anos, sua primeira via de Carteira Nacional de Habilitação (CNH). Ademais, neste tempo, com seu Protocolo de Refúgio, pôde fazer, segundo ele, tudo quanto fazem aqueles que já são devidamente reconhecidos como refugiados. Não obstante, importa considerar a dimensão jurídica desse reconhecimento, com a proteção internacional que ele confere a seu possuidor.

Com o fito de aferir o impacto dessa mudança de país, no entrevistado, pedimos-lhe que descrevesse seus primeiros dias no Brasil, e as emoções que suscitou. Contudo, eufórico pelo recomeço, Enmanuel pouco se ateu a eles. Em realidade, seus primeiros dias no Brasil encerraram um histórico de privações, cuja magnitude o impedia de se apegar às vivências negativas, de seu contato preliminar com a nação que o acolhe. Demonstrou sinceridade ao dizer que se sentia extremamente bem acolhido em Brasília. Porém, mencionou que foi amparado por diversas pessoas, ligadas a entidades beneficentes, que lhe deram abrigo, comida, e o ajudaram a requerer seus documentos. Afirmou ter recebido algumas propostas de emprego, como uma para trabalhar em um frigorífico no Rio Grande do Sul. Tendo optado por Brasília, foi interiorizado para lá, por programa governamental.

Se tinha pouca vontade de falar sobre seus primeiros dias no Brasil, ao revés, tinha vontade de falar sobre sua vida pregressa ao refúgio. Foi-lhe dada essa oportunidade. Com isso, Enmanuel passou a descrever suas provações na Venezuela, sendo esporadicamente interrompido por nós pesquisadores, a quem cumpriu a tarefa de nortear a entrevista, em

proveito deste artigo. Em um breve panorama histórico, o entrevistado descreveu os anos iniciais do governo Chávez, que para ele conservaram parte do nível de vida anterior às crises. Disse que muitos de seus familiares, que hoje repudiam o governo vigente, apoiaram a ascensão do regime chavista, as primeiras expropriações, e as digressões filosóficas dos líderes da revolução.

Sua mãe, que hoje também mora em Brasília, foi uma das que apoiou tudo isso, tendo se arrependido posteriormente, sobretudo, após as primeiras crises de racionamento. Enmanuel e sua família viviam em uma cidade interiorana, mas ele estudou em uma região próxima a Caracas, capital da Venezuela. Durante os períodos mais difíceis da economia de seu país, ele pôde se deparar com as tentativas do governo de “interiorizar” (Palmares, 2023) a miséria, para permitir que ela escapasse dos grandes centros urbanos, repletos de veículos de imprensa, autoridades estrangeiras e, ainda àquela época, turistas. Como se relatou, Enmanuel teve de trancar seu curso, dada a precariedade econômica de sua família, e a necessidade de ajudar no que pudesse. Para tanto, ele passou a comerciar nas fronteiras, produtos que estavam em cada vez maior escassez.

Poucos meses antes de sua ida ao Brasil, ele teve que passar de comerciante regular, para contrabandista, de alimentos. A inflação aumentava à contramão da possibilidade de as pessoas pobres se alimentarem. Segundo ele, para evitar rebeliões, nesse momento, o Governo local instituiu e reativou certos programas em prol da complementação da renda das pessoas, mas essa medida não era eficaz, por não haver regularidade na distribuição desses benefícios. Passou-se a criminalizar muitas coisas, como o contrabando de alimentos. Visto que Enmanuel já trabalhava com comércio de alimentos, pouco antes desse novo ditame, ele passou à ilegalidade. Sua vida resiliente era contada com orgulho, lágrimas e força. Via-se que Enmanuel queria falar o que lhe aconteceu, fato que engrandeceu a presente pesquisa. Os relatos não seguiam uma cronologia muito fiel, mas eram autênticos, e, o que mais nos impressionou, eram aparentemente reais.

O entrevistado era ligado a movimentos estudantis locais, o que o possibilitou conhecer a repressão do governo, a qualquer pensamento que lhe fosse contrário. Amante de músicas latinoamericanas, ele inoculou em nós pesquisadores o gosto por Ali Primera, compositor primoroso, a quem assiste uma das mais belas vozes do último século.

Evocando a arte de seu país, Enmanuel descreveu-nos a queda do pensamento crítico de seu povo, em que seus heróis foram diminuídos, e matérias de Humanas, por exemplo,

censuradas. Descreveu a ausência súbita de grande parte dos professores que conhecia. Foram para o exterior, a fim de preservarem a si e a seus familiares. Ademais, minucioso nos diversos acontecimentos, em que a polícia e o exército locais reprimiram e mataram opositores do regime, que, àquele momento, ainda era governado por Chávez.

Enmanuel não escondia o quanto aqueles assuntos o impactaram. Via-se que sentia falta daquela vida boa, pré-revolucionária, anterior à barbárie que assolou seu país. Sentia saudades, não apenas dos lugares de sua juventude, atualmente destruídos, mas de seus parentes, que se espalharam pelo mundo, em fuga, com os que Enmanuel, segundo ele próprio, dificilmente poderia manter laços de frequência. Cavalaria, bombas e fuzis fazem parte de suas lembranças.

Disse que, de um lado, o povo sucumbia à fome, à escassez de remédios e artigos necessários ao cotidiano, enquanto do outro, agentes do governo descaracterizaram o país, e humilhavam os desamparados a seu redor, ao viverem na opulência. Enmanuel listou uma profusão de artigos que estavam em falta naquele tempo, como papel higiênico, preservativos, anticoncepcionais e, de modo geral, qualquer remédio controlado, e para patologias específicas. Sua narração vai de encontro às de Yajaira (2023) e Yugmaris (2023), que foram igualmente incisivas neste ponto. Com seus pouco mais de trinta anos, Enmanuel é uma pessoa jovem.

Era-o mais, à época mais difícil de sua vida na Venezuela. Entre tantos problemas a serem enfrentados. Enmanuel discorreu sobre seus dilemas religiosos, brotados diante do caos político e civil a seu redor. Católico de formação, ele tentava encontrar o porquê de tudo aquilo. Para tanto, agarrava-se aos santos, à sua devoção, até que isso passou a não supri-lo. Ele tinha fortes dúvidas, e saiu à procura de quem as pudesse sanar. Por influência de conhecidos, tornou-se evangélico por um tempo. No afã de ser respondido, foi fervorosamente de encontro à literatura religiosa. Abandonou sua última fé, tornou-se entusiasta do judaísmo e, tempos depois, agnóstico, o que ainda hoje é.

Ressalte-se que a juventude borbulhava dentro de si, no momento em que anseios, traumas e incompreensões queriam, no fundo, esconder suas predileções sexuais, cada vez mais indisfarçáveis. Nesse tempo, ele já se sabia homossexual. Contudo, o mundo à sua volta estava tão caótico, que ele se sentia obrigado a evitar qualquer discussão em sua família. Portanto, levar à tona sua sexualidade era-lhe uma ideia intolerável. Contudo, passados alguns anos, ele a assumiu. Nesse ponto, nós lhe perguntamos como seus parentes reagiram



ao descobrirem sua homossexualidade, ao que ele ponderou não terem se surpreendido tanto quanto, em sua imaginação, se surpreenderiam. Disse que, em criança, já se diferenciava de seus primos. Sua mãe ficou preocupadíssima, pois tinha seus pensamentos voltados à convicção de que seu filho sofreria mais do que a média, por amar de forma diferente da convencional. Enmanuel não fez referência a seu pai, só a seu padrasto e a sua irmã.

Diante disso, foi perguntado, sobre se diante da fome que sofriam ele e seus familiares, a ideia do suicídio lhe sobreveio. A isso ele respondeu com um balançar de cabeça, e com um leve franzir de sobrelanceiras, que sucederam um firme “não”. Em seguida, ele emendou essas expressões e a negativa, com novas explicações pormenorizadas sobre como o estado de angústia em que viviam, dada a fome e a repressão sofridas, levaram-no à ideia de que seu futuro só seria possível para além das fronteiras venezuelanas.

Com tantas “aberturas” dadas por Enmanuel a nós pesquisadores, perguntamos se, em que pese não tenha pensado em se suicidar, por causa da fome, teria-o pensado, por causa da repressão social que vislumbrava sofrer, caso assumisse em público sua condição sexual. Surpreso, disse que sim, havia pensado nisso. Sua resposta afirmativa, proferida com voz embargada, estava em sintonia com seus olhos, que vermelhos e marejados, denunciavam as emoções suscitadas pela pergunta. Indagado se poderia prosseguir com a entrevista e, inclusive, no mesmo tema, Enmanuel declarou que sim.

Apesar de sua declaração, julgamos mais apropriado mudar de tema, mas o entrevistado o retomou, espontaneamente, ao trazer seu inconformismo com a maneira como o mandatário brasileiro anterior, Jair Bolsonaro, se posicionava em face das populações LGBTQIA+. Percebeu-se ser política um de seus principais interesses, razão pela qual o incentivamos a falar sobre ela. Casualmente, após a entrevista ter sido marcada, ocorreu a vinda de Nicolás Maduro, mandatário venezuelano ao Brasil.

Esse acontecimento inspirou o entrevistado a tecer opiniões políticas fortes, que demonstraram sua boa capacidade argumentativa, e seu conhecimento acima da média sobre diversos aspectos do mundo. Perguntado sobre o que poderia, em sua percepção, dirimir os obstáculos existentes, para que sua terra natal, no mínimo, retome a grandeza que já lhe pertenceu, disse que, preliminarmente, “Hay que matar ese señor” (Palmares, 2023), referindo-se a Maduro. Depois disso, elencou outras tantas soluções, que, inverossímeis ou

não, ao menos nos deram a oportunidade de o admirar por seu conhecimento acerca de seu país, e sua lucidez sobre questões de geopolítica.

Enveredados por outro assunto, apesar de sua boa integração em Brasília, o entrevistado, ao ser questionado sobre o que deveria melhorar na cidade, elencou o que todos os demais elencaram, em maior ou menor grau, isto é, a saúde pública, a questão burocrática e a falta de informações nas repartições públicas. Também criticou a maneira relapsa como os brasilienses lidam com as notícias, não as checando, o que os deixa muito manipuláveis.

Portanto, constatou-se que os desafios psíquicos superaram nele, em impacto, os físicos. Sua peregrinação pelas religiões católica, evangélica e judaica, bem como a comoção com que tratou o tema de sua homossexualidade, concluem, se comparados à sua narrativa dos desafios sofridos por si a por sua família em seu país de origem, que os sofrimentos suportados individualmente são mais angustiantes do que os suportados em coletividade. Com isso, importa ressaltar que cada refugiado tem sua história única, em que pese serem muito semelhantes as narrativas de como cruzaram a fronteira de seu país. Ao final da entrevista, Enmanuel pontuou que ela fugiu de suas expectativas, afinal, segundo disse, tinha dado outros depoimentos sobre sua vida, mas em nenhum sua subjetividade foi, como neste, tão amplamente explorada. Em síntese, o infamiliar, isto é, a angústia sofrida pelo choque cultural entre sua origem e o lugar em que Enmanuel foi acolhido, foi pelos aspectos positivos dessa mudança.

### **3.3. Yajaira**

Yajaira (2023) nos impactou, por sua simpatia e, sobretudo, por seus relatos. Não quis ser identificada pelo sobrenome, mas permitiu que a identificássemos pelo prenome. Com sessenta anos, mora há um ano e quatro meses em Brasília, tendo saído de seu país natal para Boa Vista, em Roraima. Por lá permaneceu aproximadamente um mês, até seu filho conseguir lhe comprar uma passagem aérea para a capital do país. Portanto, ela não foi interiorizada por programa Governamental. Classificou o período em que permaneceu na região Norte do país como “um período de alívio” (Yajaira, 2023). Contudo, descreveu o intenso fluxo de gente, que a rodeava, e seu receio de que seu filho não fosse capaz de adquirir a passagem que a levaria para junto de si. Possui CPF, e residência provisória. Como

os demais, demonstrou que a demora da chegada de seu documento de residência definitiva não lhe tira o sono, afinal, todos os atos essenciais à seu cotidiano lhe são permitidos fazer com os documentos que já possui. Foi entrevistada por vídeo-chamada, em Espanhol.

Dona de um temperamento radiantemente alegre, era perceptível sua resistência em responder, inicialmente, com objetividade, perguntas como: “Quais aspectos deveriam, segundo sua percepção, melhorar no Brasil?”. Parecia sinceramente grata ao país que a acolheu, de maneira que, para si, criticá-lo seria indecoroso. Todavia, no avançar da entrevista, ela se mostrou mais sincera ao lidar com perguntas como aquela, respondendo-as, inclusive, com certo tom de desabafo. Sobre a saúde pública no país, ela relatou suas dificuldades em marcar consultas, fazer exames e afins, dada a falta de médicos e medicamentos. Relatou ter ficado cinco dias, em uma barraca, diante de um hospital público brasileiro, para marcar um exame.

Sobre os pontos positivos da cidade, elencou muitos que a surpreenderam, como o respeito do brasileiro para com os mais velhos. Ficou impressionada com o fato de ela ter, por sua idade, prioridade em filas de banco, por exemplo. Antes de seu primeiro deslocamento em transporte público local, foi avisada de que não pagaria passagem, sendo-lhe somente necessário mostrar sua identidade ao motorista. Incrédula, tinha levado o montante necessário à aquisição da passagem. Uma vez confirmada a informação de que ela não precisaria pagar, Yajaira pôs-se a refletir a respeito de como a tratavam em seu país de origem. Segundo afirmou, por mais velha que fosse a pessoa, caso não tivesse condições de pagar a passagem, era retirada do transporte.

Ante o que Yajaira relatou de sua vida na Venezuela, resulta difícil elencar lugares em que seres humanos vivessem sob maior escassez. Ela foi moradora de rua por lá, situação que certamente a fez passar por privações maiores do que as dos demais entrevistados. Destes, Yajaira é a que apresentou o mais baixo nível de instrução. Desse modo, aferir o impacto de sua mudança de país permitiu ao pesquisador perceber que muitas realidades precárias seriam melhores do que aquela onde Yajaira viveu. Sobre sua renda, apontou que, por sua idade, e por seus problemas de saúde, não tem condições de trabalhar, razão pela qual sobrevive com seiscentos reais, recebidos através do programa Auxílio Brasil, e com doações. Daquele montante, quatrocentos reais se destinam ao aluguel, e cem, ao gás. O

restante, somado às doações que recebe, ainda é muito pouco, mas a mantém mensalmente.

Como se adiantou, ela pontuou as dificuldades que enfrenta no SUS, dada a falta de medicamentos do sistema, afinal, foi diagnosticada com diversos problemas, tendo muitos deles sido ocasionados pela impossibilidade que tinha em seu país de comprar os remédios que, já àquele tempo, ela deveria tomar. A espera nas filas também a angustia sobremaneira, e prejudica sua saúde, pois não pode ficar muito tempo em pé, posição na qual suas pernas ficam inchadas. Todavia, para as mais simples consultas, sua espera mínima é de uma tarde inteira.

Como se notou mais acima, Cristian disse que o SUS parece ser pior do que o sistema de saúde venezuelano. Ao ter citado essa frase para Yajaira, e lhe pedido que a comentasse, recebemos a resposta de que a colocação era muito exagerada, afinal, remédio algum se tinha nos hospitais venezuelanos, e médicos também não havia, na maioria das vezes. Contudo, o que a espanta é perceber que, no Brasil, em muitos hospitais, sua ineficiência não está na falta de médicos, mas no fato de que estes se recusam a atender os pacientes. As filas, porém, são enormes, talvez muito maiores do que as venezuelanas. Apesar disso, Yajaira disse amar Brasília. Disse que, caso lhe mandassem de volta à Venezuela, agarraria-se no que pudesse agarrar, mas jamais voltaria. Em sua atual cidade, as pessoas se ajudam, são educadas, chamam-na de “avó”, param o carro quando ela deseja passar pela faixa de pedestre, enfim, propiciam-lhe alto bem-estar (Yajaira, 2023).

Sobre os momentos mais impactantes de sua vida pregressa, ela relatou a fome a seu redor, e, como os demais entrevistados, descreveu como a vida local começou a piorar. A falta de produtos domésticos foi o ponto inicial, seguido de escassez generalizada e alta inflação, o que levou muitas pessoas ao desemprego, e, como em seu caso, por um tempo, às ruas. A solidariedade, por mais que fosse nutrida na consciência das pessoas, os problemas sociais eram tamanhos, que ninguém conseguia exercê-la.

Yajaira se mostrou perplexa sobre o fato de que, embora seu país fosse referência na produção de petróleo, aos nativos faltava gasolina, gás de cozinha, materiais como plástico, e, de modo geral, qualquer utensílio à base daquele material. Essa colocação levou a conversa para o campo da política. Sobre Nicolás Maduro, demonstrou um sentimento que, até então, o pesquisador pensava ser incompatível com ela: ódio. Disse ser necessário fuzilá-lo, e outras coisas mais, cujo teor não engrandeceria a presente pesquisa.

Em dado momento, relata Yajaira, os campos secaram, e as indústrias foram gradativamente desativadas. Não obstante, foi a falta de remédios que protagonizou a passagem mais triste de sua vida: A morte de sua filha mais nova, aos vinte anos. Esse acontecimento foi determinante para sua saída do país. Era época de pandemia, tudo havia piorado, inclusive, a repressão policial, a fome e o desespero.

Quem saísse às ruas, corria risco de vida. Sua filha, segundo ela, contraiu uma doença local. Autorizada a se consultar, todavia, como não havia medicamentos, ela voltava desolada. A carência de alimentos agravava seu estado. Um dia, Yajaira encontrou sua filha morta. Levaram seu corpo, e impediram a família de o velar. Ao contar esse acontecimento, Yajaira desabou em pranto. Interrompemos a entrevista, aconselhamos-a a tomar água, e indagamos se não seria melhor terminar a entrevista em outro momento.

Tendo aceitado a sugestão, também, pelo aparelho com que ela concedia a entrevista estar com bateria fraca, Yajaira terminou seus relatos. Uma vez que o tempo de diálogo com ela já tinha sido suficientemente produtivo, e superado uma hora e meia, achamos melhor não continuá-lo, em outra oportunidade, como havíamos acordado. Dissemos isso a Yajaira. Em depreensão às suas falas, o refugiado trás consigo abalos emocionais tão fortes, que o leva a diminuir, inconscientemente, a proporção dos obstáculos que enfrenta no país que o acolhe. Por esse motivo, por humanidade e dever legal, cabe às autoridades receptivas serem céleres, e assistirem ao maior número possível de pessoas.

### **3.4. Yugmaris**

Yugmaris é professora aposentada. Formada em Ciências Sociais, pós-graduada, vive há cerca de um ano no Brasil, com o filho. Foi entrevistada em Espanhol, nas dependências do CEUB. Portanto, foi necessário traduzir certas passagens da entrevista; outras, tidas pelo pesquisador como de mais fácil compreensão para lusófonos, foram mantidas à originalidade. As maneiras de Yugmaris nos surpreenderam. Em sua postura rígida, clássica, seu falar calmo, baixo, quase aos sussurros, em certos momentos, levou-o a ajustar a posição de seu gravador algumas vezes, para mais próximo da entrevistada. Tal como Yajaira, chegou a Brasília sem auxílio governamental.

De sua cidade a Boa Vista, percorreu três dias, em um caminhão. Desta cidade, tomou um avião à capital brasileira. Diferentemente dos demais entrevistados, ela primava

por revestir suas respostas em eufemismos e retórica. No auge da entrevista, por exemplo, foi indagada se a seu redor havia quem tivesse passado fome, e se ela própria a tinha sofrido. A isso, respondeu: “Minha mãe nos ensinou a seguir em frente. Ela dizia que, quando se tem fome, é melhor passar um batom, cerrar os lábios e seguir, como se não passasse nada” (Jaime, 2023). Ao final da entrevista, em gesto simbólico, ao menos, conforme concluiu o pesquisador, a própria Yugmaris retocou o batom de seus lábios e, em postura retilínea, auto vigiada, encaminhou-se à saída.

Perguntada sobre se tinha requerido refúgio ou residência permanente, Yajaira, como se tivesse sido ofendida, erigiu as sobrancelhas, e, de súbito, comprimiu-as, para dizer: “No, no, no, yo nunca estuve en refúgio!” (Jaime, 2023). Sua ação demonstrou certa relutância em lidar com a verdade. Ao explicar os motivos de sua vinda, ela fez questão de declarar que, se seu filho não tivesse se mudado, ela continuaria na Venezuela. Contudo, mesmo que de maneira comedida, Yugmaris descreveu as dificuldades por que passava. Juntas, elas compõem um cenário econômica e socialmente insustentável. Como se adiantou acima, ela decidiu ir ao Brasil por seu filho ter ido antes, com a namorada, e terem se adaptado bem. Yugmaris morava com um irmão. Passavam muitas privações, à proporção dos demais entrevistados e suas famílias. Não obstante, um dia, Yugmaris foi visitar seu filho. Enquanto estava em solo brasileiro, seu irmão morreu, lá na Venezuela. Com isso, ela fez-se de visita à moradora permanente. No entanto, pergunta-se, sendo visitante, porque ela não retornou a seu país sequer para, por exemplo, buscar pertences seus?

Afeitos às Ciências Humanas, foi-nos uma grata surpresa tê-la conhecido. Didática, a entrevistada reverteu a lógica da entrevista, e nos instruiu, por exemplo, sobre a História de seu país, sobre suas músicas e folclores. Ela falava com alegria, nos momentos em que não falava de si, de sua família, diminuída nos últimos anos, e espalhada pelo mundo. Munidos dessa percepção, passamos a intercalar perguntas de proveito objetivo à pesquisa, com indagações próprias de sua curiosidade. O eufemismo da entrevistada estendia-se a todos os assuntos, em que fatos impactantes e opiniões francas eram demandados.

Ao lhe perguntarmos sobre, por exemplo, quais aspectos na sociedade brasileira deveriam melhorar, em que pese seu senso crítico aparentemente aprofundado, ela não soube listar nenhum. Também não soube discorrer sobre se há prestações governamentais a serem melhoradas no Estado. No fundo, ela demonstrou pensar que, se relatasse com franqueza o que sucedeu em seu país, estaria “lavando roupa suja em casa alheia” (Jaime,

2023), e se tecesse críticas ao lugar que o acolheu, estaria sendo ingrata. Desse modo, foi difícil ao pesquisador colher suas verdadeiras impressões.

Ao falar de Nicolás Maduro, atual mandatário Venezuelano, sua reação foi diferente das esboçadas pelos demais. Estes lhe elegeram destinos e adjetivos pouco polidos. Inclusive, elegeram seu fim, com expressões como “Hay que fuzilar” (Jaime, 2023). Yugmaris não. Chamou-o de terrível, e se limitou a isso. Perguntada sobre se acreditava que os embargos econômicos internacionais, sofridos por seu país, eram a causa de sua situação econômica atual, ou se ela deveria ser atribuída ao Governo, ou se ambos os fatores concorrem para isso, Yugmaris respondeu que “Si hay dictadura, no es posible tener nada de positivo” (Jaime, 2023). E completou, afirmando que, na realidade, uma série de fatores geraram essa crise. Foi a única a se posicionar favoravelmente ao autointitulado presidente venezuelano, Jean Guaidó.

Inicialmente, Yugmaris transpareceu ter deixado seu país em melhores condições do que as dos demais contribuintes à pesquisa. Contudo, ao ser perguntada sobre quanto recebe de aposentadoria, ela disse receber três dólares mensais. Intrigados, repetimos em voz alta o montante escutado, ao que nossa interlocutora, tendo captado o ar geral de incredulidade, reafirmou-nos esse montante. Inevitavelmente, tal declaração ensejou outra pergunta do pesquisador: “Que podías hacer con eso?” (Jaime, 2023). Ao que ela respondeu: “Nada, en lo maximo, uno o otro pan” (Jaime, 2023).

Ato contínuo, foi perguntada sobre como sobrevivia, ao que informou dar seu jeito, das mais variadas formas. Falou que uma parente sua, que vive nos Estados Unidos, sempre que podia lhe enviava cosméticos, produtos de higiene pessoal e para o lar, que ela revendia e, com isso, podia sobreviver. Com o gás de cozinha a ser vendido a preços altíssimos para a realidade coletiva do lugar, e por faltar demasiadamente, Yugmaris e os demais cidadãos da região preparavam comida à lenha. Nesse momento, seus olhos marejaram. Recomendamos que fizessemos uma pausa, mas ela prosseguiu sua linha de raciocínio, dizendo que não entendia como em um país riquíssimo em petróleo como o seu é possível haver situações como essa.

À certa altura, foi-lhe perguntado se ela e seu filho trabalhavam no Brasil. Sobre este, disse que é trabalhador contratado em um restaurante. Quanto a si, Yugmaris disse ter feito, de início, de tudo um pouco. Foi diarista, costurou roupas, fez tricô, e atualmente trabalha junto ao Renova DF, em que pinta as paredes da sede desta iniciativa. Nesse ponto, ela

discorreu sobre como a vida é cheia de mudanças, e como devemos nos adaptar a elas. “Yo fue profesora. En Brasil, yo no soy profesora. Yo hago todo lo que debe ser hecho, y lo que viene a mi. No tengo ningun problema en ser lo que sea posible” (Jaime, 2023). Sua manifestação traduz uma impressão que Cristian pontuou diretamente, isto é, a de que o empregador pretere brasileiro quem aparenta ter um nível de especialização maior do que a média para o exercício de determinadas funções.

Acerca do trabalho, ela demonstrou, indiretamente, a impressão, também suscitada por outros entrevistados, de que o mercado de trabalho os tem preterido, quando pleiteiam colocações tidas no senso comum local como aquelas de pessoas com diplomação e certo nível de estudo. Em realidade, ambos pensam que os empregadores temem que, ao lhes colocar em uma posição cujo esforço qualificacional seja abaixo daquilo que têm, eles se sintam diminuídos, e não se dão conta da rotina. Reflete-se se essa questão envolve eventual autoproteção das gerências, ou seja, dos que, em cargos de comando, sintam-se ameaçados por subordinados de maior instrução que a sua. Yugmaris sente que, conscientes de seu passado como professora, as pessoas que poderiam lhe contratar, por exemplo, como diarista, não o fazem, por pensarem que, a despeito de ela falar o oposto, sentir-se-ia ofendida com a proposta.

Dado curioso, à contramão de nosso “jeitinho brasileiro” (Jaime, 2023), de prometer, obsequiosamente, enviar informações a alguém, mas jamais o fazer, Yugmaris nos envia, esporadicamente, curiosidades sobre a Venezuela, conforme havia prometido fazer. Com os demais entrevistados, por mais que também tenha havido mútua empatia nas relações tidas conosco, estas se restringiram à pesquisa, afinal, não nos procuraram mais, e nós, à falta de motivos, também não os procuramos. Em análise geral, Yugmaris mostrou-se muito orgulhosa de suas origens, ufanista até, em certas colocações, o que a levava a, após relatar os cenários de escassez em seu país, sempre reaver seu passado, no intuito de imprimir à consciência do entrevistador uma definição mais bela da Venezuela, do que aquela transmitida pela mídia.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Depreende-se das entrevistas, que a espera pela concessão do Refúgio pelo CONARE, em que pese seja longa, não angustia os entrevistados, à proporção inicialmente aventada,



em virtude de o Protocolo de Refúgio supri-la, nos atos da vida civil, com aparente eficácia. Não obstante, importa considerar que a dimensão jurídica desse reconhecimento, com a proteção internacional que ele confere, é uma perspectiva muitas vezes negligenciada por pessoas em situação análoga à deles. Esse aparente estado de tranquilidade em relação à espera se acumula com o fato de que, após chegarem em território nacional, os entrevistados puderam emitir CPF, tendo alguns obtido, inclusive, Carteira de Trabalho e CNH. Em virtude desses documentos, tiveram acesso a programas governamentais, como o Auxílio Brasil e o Renova DF. Ademais, foram bem integrados à sociedade brasileira, graças ao trabalho contínuo de ONGs de amparo à pessoa refugiada, antes da sociedade civil, e institutos como o IMDH.

Acrescente-se que muitos refugiados optam por requerer residência no Brasil, embora isso não lhes permita ter as vantagens daquele instituto. Cristian requereu residência. Aguardou seu documento de residência provisória por pouco mais de um mês; em aproximadamente dois anos, foi-lhe conferida residência definitiva. Contudo, ele também se identificava por CPF e Carteira de Trabalho. Enmanuel, por seu turno, requereu refúgio. Usou seu protocolo de refúgio, recebido semanas depois de sua chegada ao país, até ser devidamente reconhecido como refugiado pelo CONARE, o que consistiu em uma demora de quatro anos. Como outros documentos de identificação, usava CPF, Carteira de Trabalho e CNH. Yugmaris e Yajaira também solicitaram residência, mas ainda não receberam seu documento definitivo. Usam CPF e documento de residência provisória, para serem identificadas. É possível que, à primeira vista, ter mais entrevistados que pleitearam um instituto diferente daquele que é o objeto central da pesquisa, do que ter quem de fato o pleiteou, soe incoerente. Todavia, ressalte-se, o objetivo maior da pesquisa consistia em aferir o impacto da morosidade na emissão de uma concessão governamental, no caso, o refúgio, na subjetividade do indivíduo. Sob esse aspecto, a demora da prestação pública é o que se devia salientar.

Quanto aos desafios que enfrentaram na sociedade brasileira, todavia, os entrevistados relataram que há desconhecimento dos dispositivos legais, elementares às tomada e emissão de instruções, por parte de atendentes, nos setores público e privado. Por isso, eram impedidos de adquirir documentos e informações de forma mais célere. A esse propósito, reavê-se os desafios do entrevistado Cristian, em fazer com que aceitassem em bancos, para a abertura de conta-poupança, seu Protocolo Provisório de Refúgio, emitido

pela Polícia Federal. A demora na prestação clínica, por que passam os pacientes do SUS, também foi objeto de críticas, por todos os entrevistados. Relataram dificuldades em marcar consultas, fazer exames e afins, dada a falta de médicos e medicamentos. Yajaira, por exemplo, relatou ter ficado cinco dias, em uma barraca de lona, diante de um hospital público, para marcar um exame.

Quanto à eventual discriminação sofrida, na sociedade brasileira, por serem refugiados, pontuaram ser baixa. O entrevistado Cristian a considerou muito menor, por exemplo, à que vivenciou no Peru, país em que viveu, antes de vir ao Brasil. No entanto, ele ressaltou sua impressão de que seria mais discriminado, por origem venezuelana, em cidades onde há maior número de seus conterrâneos, como Boa Vista, do que, por exemplo, em Brasília. O mesmo foi pontuado por Enmanuel. Percebeu-se boa adaptabilidade geral dos entrevistados à cultura brasileira, o que deriva das semelhanças desta com a cultura venezuelana. Afinal, tratam-se de países com construções históricas semelhantes, que compartilham a mesma religião majoritária, possuem climas e composições étnicas parecidas e, embora falem línguas distintas, a proximidade entre elas não impede que seus falantes se compreendam com razoabilidade.

Quanto à vivência do Infamiliar (*Unheimlich*), isto é, a angústia sofrida diante de uma nova realidade, nota-se que, para todos os entrevistados, ela foi compensada pelos aspectos positivos do refúgio. Indubitavelmente, a realidade da qual o refugiado é egresso, muitas vezes é pesadosa a tal ponto, que os problemas vivenciados no lugar em que é acolhido se apequenam. Relatos como o de Yugmaris, que declarou receber três dólares de aposentadoria como professora, e como o de Yajaira, que descreveu o período em que morou na rua, e, de modo geral, os relatos de fome e privação de elementos básicos à subsistência humana, contados por todos, corroboram isso.

Em síntese, diferentemente do que supôs o pesquisador, a morosidade na concessão do Refúgio não foi consideravelmente relevada pelos entrevistados. Acredita-se que isso decorra, ou da positiva guinada social que tiveram, ou do fato de desconhecerem a fundo eventuais implicações jurídicas, ocasionadas pela falta dos efeitos inatos à concessão desse instituto. No entanto, a burocracia em torno da vida civil no Brasil, bem como a má gestão dos serviços públicos, foram pontuados como os principais aspectos negativos à incorporação social dos refugiados.

Em síntese, se coubesse ao entrevistador resumir os relatos de cada entrevistado com uma palavra, os de Enmanuel seriam “vida”; os de Cristian, “revolta”. Os de Yajaira, “paixão”, e os de Yugmaris, “pátria”. Naturalmente, isso reflete a percepção do entrevistador, afinal, exercícios do gênero não se pressificam pela exatidão científica. Enmanuel verteu, à sua entrevista, dilemas psicológicos que os demais não se permitiram verter. Nela, falou-se profunda e abertamente, sobre religião, sexualidade, política, família e outros dilemas humanos. Com isso, pôde-se analisar o Infamiliar, conceito freudiano, por outras perspectivas, para além daquela do Refúgio. Uma vez que todas se interconectam, por Enmanuel, o pesquisador teve ricos recursos, para pensar o lado psicanalítico deste artigo. Sendo aqueles aspectos impulsionadores da “vida”, eis o porquê de esta palavra ter sido usada para designar os relatos de Enmanuel.

A Cristian, o pesquisador atrelou a palavra “revolta”, porque ele demonstrou considerável senso de justiça e, sobretudo, de inconformismo com a situação de seu povo. Seus relatos foram explorados por uma perspectiva mais sociológica do que os dos demais. Ele minuciou a situação política de seu país, e as privações a que se submete o povo venezuelano. Ademais, seu Português bom, ainda que com forte sotaque, foi o veículo, com que ele externou, em seu falar bem articulado, diversas ideias de melhorias, para a Venezuela e para o Brasil. Ele não se acanhou diante da pergunta sobre o que deveria ser aperfeiçoado no lugar em que atualmente vive. Embora Enmanuel e Yajaira tenham, em face dessa pergunta, também tenham respondido, por exemplo, que a burocracia e a saúde locais são aspectos a serem melhorados, Cristian foi mais enfático, preciso e honesto, em suas ponderações. É um homem de ação.

Yajaira é emocionalmente intensa, motivo pelo qual “paixão”, não no sentido etimológico da palavra, mas em seu uso corriqueiro, foi a escolhida para a definir. Seus relatos eram por si impactantes, afinal, entre eles estava, por exemplo, o da morte de sua filha, assunto espontaneamente trazido à tona, por ela. Ao relatar passagens do gênero, por mais que o pesquisador lhe aconselhasse a parar a entrevista, por breve momento, até que ela se recompusesse, Yajaira insistia que não havia problemas em seguir e, com isso, prosseguia seus relatos, fortemente emocionada. Demonstrou-se religiosa e apegada, à família e aos costumes. Em suma, Yajaira revelou-se uma das avós caricaturais, que permeiam a literatura, descritas num tempo onde, como escreveu Érico Veríssimo, o destino

da mulher era “*chorar, fiar e esperar*”. Efetivamente, ela também prestou grande serviço ao intuito psicanalítico da pesquisa.

Yugmaris, por sua vez, remeteu o pesquisador à figura ufanista de Policarpo Quaresma, personagem do escritor Lima Barreto. Atenuadora dos aspectos negativos, em torno da vida em seu país, não perdeu oportunidades para promover sua pátria, na tentativa de reconstruir eventual conceito de seu interlocutor sobre ela, a quem Yugmaris deve ter tomado, inicialmente, por mero produto da concepção midiática negativa sobre as questões da Venezuela. Falou ampla e espontaneamente sobre a história de seu país, e elencou, inclusive, seus heróis nacionais. Por isso usou-se o termo “pátria”, para designar seus relatos.

Portanto, vê-se que o pesquisador lidou com entrevistados entusiasmados, efetivamente interessados em serem ouvidos. Naturalmente, ao que se depreende do parágrafo em que foram relatadas as dificuldades da pesquisa, antes disso, trilhou-se um longo caminho, de recusas e de pessoas pouco afeitas a contribuir. As entrevistas não se distanciaram muito de sessões de psicanálise, pois seu formato foi, propositadamente, inspirado nestas. No momento em que se as escuta, as pessoas tornam-se exclusivas a seu ouvinte, raras, ao menos, por se revelarem, em uma sociedade cada vez mais impessoal como a do mundo pós-moderno.

O pesquisador teve fascínio pela experiência que lhe permitiu a construção deste artigo, de escutar os dilemas de pessoas que, embora vindas de realidades tão diferentes da sua, assemelham-se consigo, por serem feitas da mesma condição humana que o concebeu. Em que pese o caráter incontestável desse fato, muitas vezes, exercícios de escuta ativa, como o desenvolvido à pesquisa, são o que nos permite conhecê-lo realmente. Isso incutiu no pesquisador a ideia de que a consciência lúcida sobre a humanidade que há no outro, não seja alcançável, senão por ouvidos atentos, capazes de se entregar ao prazer da descoberta. Incutiu, também, a convicção de que, caso a humanidade se entregue a ele, de corpo e consciência, ficará surda para as fronteiras que o mundo.

## REFERÊNCIAS

ACNUR. **Refugiado ou migrante?:** o ACNUR incentiva a usar o termo correto. 2015. Disponível em:

<https://www.acnur.org/portugues/2015/10/01/refugiado-ou-migrante-o-acnur-incentiva-a-usar-o-termo-correto/#:~:text=Sim%2C%20existe%20uma%20diferen%C3%A7a%20e,de%20conflitos%20armados%20ou%20persegui%C3%A7%C3%B5es>. Acesso em: 15 ago.2023.

AYDOS, M.; BAENINGER, R.; DOMINGUEZ, J. A. Condições de vida da população refugiada no Brasil: trajetórias migratórias e arranjos familiares. **CONGRESSO DA ASSOCIAÇÃO LATINO AMERICANA DE POPULAÇÃO**, 3., 2008, *Anais* [...]. Córdoba: ALAP, 2008.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BARRETO, Vicente de Paulo. **Dicionário de filosofia do direito**. Vicente de Paulo Barreto coordenador. São Leopoldo: Editora UNISINOS. Rio de Janeiro: Livraria Editora Renovar, 2006.

BARTIJOTTO, Juliana. Sobre o Unheimlich: entre a Literatura e a realidade da mídia.

**Analytica**, São João del-Rei, v. 10, n. 18, p. 1-20, 2021. Disponível em:

<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/analytica/v10n18/v10n18a09.pdf>. Acesso em: 15 ago.2023.

BRASIL. **Lei n. 9.474 de 22 de julho de 1997**. Define mecanismos para a implementação do Estatuto dos Refugiados de 1951, e determina outras providências. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/l9474.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9474.htm). Acesso em: 2 mar.2023.

ESTADÃO. Haiti enfrenta 'emergência de fome' e aumento de imigração causa crise com a República Dominicana. **Estadão**, São Paulo, 25 mar. 2023. Disponível em:

<https://www.estadao.com.br/internacional/haiti-enfrenta-emergencia-de-fome-e-aumento-de-imigracao-causa-crise-com-a-republica-dominicana/>. Acesso em: 15 ago.2023.

FREUD, Sigmund. **História De Uma Neurose Infantil** (o Homem Dos Lobos), Além do princípio do prazer e outros textos - Vol. 14. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

HERCULANO, Lenir Camimura. Tempo de espera no SUS é um dos motivos para a crescente judicialização. **Agência CNJ de Notícias**. 30 ago. 2021. Disponível em:

<https://www.cnj.jus.br/tempo-de-espera-no-sus-e-um-dos-motivos-para-a-crescente-judicializacao/>. Acesso em: 11 ago. 2023.

HERRERA, Cristian Eduardo Achique. **Cristian**, [entrevista concedida a Esdras Amaral Merino Guimarães], Brasília, 2023.

IANNINI, Gilson; TAVARES, Pedro Heliodoro. Freud e o infamiliar. FREUD, Sigmund. **O infamiliar**. Tradução de Ernani Chaves e Pedro Heliodoro. São Paulo: Autêntica. Disponível em: [http://lotuspsicanalise.com.br/biblioteca/Sigmund\\_Freud\\_O\\_Infamiliar.pdf](http://lotuspsicanalise.com.br/biblioteca/Sigmund_Freud_O_Infamiliar.pdf). Acesso em: 14 ago. 2023.

JAIME, Yugmaris Virginia Guanipa. **Yugmaris**, [entrevista concedida a Esdras Amaral Merino Guimarães], Brasília, 2023.

JUBILUT, L. L. **O Direito internacional dos refugiados e sua aplicação no ordenamento jurídico brasileiro**. São Paulo: Método, 2007.

LARA, Rafaela Lara. Em 2010, terremoto de magnitude similar matou mais de 200 mil pessoas no Haiti. **CNN Brasil**, São Paulo, 14 ago. 2021. Disponível em:

[https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/em-2010-terremoto-dechrome-extension://efaidnbmnnnibpajpcglclefindmkaj/http://lotuspsicanalise.com.br/biblioteca/Sigmund\\_Freud\\_O\\_Infamiliar.pdf-magnitude-similar-matou-mais-de-200-mil-pessoas-no-haiti/](https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/em-2010-terremoto-dechrome-extension://efaidnbmnnnibpajpcglclefindmkaj/http://lotuspsicanalise.com.br/biblioteca/Sigmund_Freud_O_Infamiliar.pdf-magnitude-similar-matou-mais-de-200-mil-pessoas-no-haiti/). Acesso em: 14 ago. 2023.

MACEDO, Mônica Medeiros Kother. A (In)visibilidade do Outro: Reflexões sobre Refúgio e Migração. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 42, p. e239394, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1982-3703003239394>. Acesso em: 15 ago.2023.

MINAYO, M. C. S. O desafio da pesquisa social. In. MINAYO, M. C. S.(Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis – RJ: Vozes, 2016.

O'LEARY, Zina. Como fazer seu projeto de pesquisa: guia prático. Petrópolis: Vozes, 2019.

PALMARES, Enmanuel Saig Matute. **Enmanuel** [entrevista concedida a Esdras Amaral Merino Guimarães], Brasília, 2023.

PEREIRA, Gustavo Oliveira de Lima. **Hospitalidade e reconhecimento da diferença na transnacionalização dos direitos humanos: a crise da alteridade na questão dos apátridas e refugiados**, 2009. São Paulo: Atlas, 2009.

QUINET, Antonio. **A estranheza da psicanálise: a Escola de Lacan e seus analistas**. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

SHIRAKAVA, Rafael da Silva. Unheimliche e fascismo: um estudo acerca do estranho-familiar na teoria freudiana e seus desdobramentos na Escola de Frankfurt em sua análise sobre o autoritarismo. Dissertação de Mestrado em Psicologia da Faculdade de Ciências e Letras (FCLAS) da Universidade Estadual de São Paulo (UNESP), 2019. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/191000>. Acesso em: 15 ago.2023.

SILVA, Daniela Florêncio da. O fenômeno dos refugiados no mundo e o atual cenário complexo das migrações forçadas. **R. Bras. Est. Pop.**, Belo Horizonte, v. 34, n. 1, p. 163-170, jan./abr. 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbepop/a/Xf7yQhXqhY3YyRp9fZZgzw/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 14 ago. 2023.

SILVA, G. J; CAVALCANTI, L; OLIVEIRA, T; COSTA, L. F. L; MACEDO, M. **Refúgio em Números**, 6ª Edição. Observatório das Migrações Internacionais; Ministério da Justiça e Segurança Pública/ Comitê Nacional para os Refugiados. Brasília, DF: OBMigra, 2021.

TERÊNCIO, Marlos Gonçalves. **O horror e o outro: um estudo psicanalítico sobre a angústia sob o prisma do Unheimlich freudiano**. Tese de Doutorado pela Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Florianópolis, 2013. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/122622>. Acesso em: 15 ago.2023.

YAJAIRA, Yajaira, [entrevista concedida a Esdras Amaral Merino Guimarães], Brasília, 2023.

**ANEXO A - AUTORIZAÇÃO DO COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA DO CEUB**

CENTRO UNIVERSITÁRIO DE  
BRASÍLIA - UNICEUB

**PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP****DADOS DO PROJETO DE PESQUISA**

**Título da Pesquisa:** O impacto da morosidade do instituto de refúgio sobre a subjetividade dos requerentes

**Pesquisador:** Tédney Moreira da Silva

**Área Temática:**

**Versão:** 1

**CAAE:** 69013423.1.0000.0023

**Instituição Proponente:** Centro Universitário de Brasília - UNICEUB

**Patrocinador Principal:** Financiamento Próprio

**DADOS DO PARECER**

**Número do Parecer:** 6.065.494

**Apresentação do Projeto:**

As informações elencadas nos campos "Apresentação do Projeto", "Objetivo da Pesquisa" e "Avaliação dos Riscos e Benefícios" foram retiradas do documento de Informações Básicas da Pesquisa postado na Plataforma Brasil.

- TIPO DO ESTUDO: Qualitativo.

- DESCRIÇÃO DOS PARTICIPANTES: Pessoas em contexto de migração e refúgio, que estejam localizadas em Brasília/DF.

- NÚMERO PARTICIPANTE DAS PESQUISA: 5

- CRITÉRIOS DE INCLUSÃO: São critérios de inclusão a participação de homens e mulheres, adultos (acima dos 18 anos de idade), de nacionalidade estrangeira e cujas línguas oficiais sejam francês ou espanhol, que residam em Brasília/DF e que estejam aguardando a emissão do registro de imigrante reconhecido como refugiado pelo Comitê Nacional para os Refugiados - CONARE.

- CRITÉRIOS DE EXCLUSÃO: Como critérios de exclusão, não se deseja a participação de estrangeiros na condição de migrantes ou de refugiados que tenham residência no Brasil em prazo

**Endereço:** SEPN 707/907 - Bloco 6, sala 6.205, 2º andar

**Bairro:** Setor Universitário

**CEP:** 70.790-075

**UF:** DF

**Município:** BRASÍLIA

**Telefone:** (61)3966-1511

**E-mail:** cep.uniceub@uniceub.br



CENTRO UNIVERSITÁRIO DE  
BRASÍLIA - UNICEUB



Continuação do Parecer: 6.065.494

superior a 5 (cinco) anos e que se comuniquem por línguas diversas do francês ou espanhol ou que tenham dificuldade de se expressarem e compreenderem a língua portuguesa.

**- FORMA DE RECRUTAMENTO DOS PARTICIPANTES:**

O recrutamento será feito, primeiramente, junto ao Instituto Migrações e Direitos Humanos (IMDH), associação sem fins lucrativos e de caráter filantrópico, vinculada à Congregação das Irmãs Scalabrinianas que presta atendimento jurídico e socioassistencial à acolhida humanitária de pessoas migrantes, solicitantes de refúgio, estando situada em Brasília. Após a apresentação da proposta de pesquisa, será colhida a autorização para desempenho desta etapa de coleta de entrevistas na sede, por meio da apresentação, leitura e esclarecimento do Termo de Aceite Institucional (ANEXO A, projeto original). Colhida a assinatura para a apresentação, será submetido o projeto de pesquisa ao Comitê de Ética em Pesquisa do Centro Universitário de Brasília para a autorização de abordagem junto às pessoas que se deseja entrevistar. Autorizada a realização da pesquisa, o pesquisador assistente apresentará o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (ANEXO B, projeto original), em suas versões em português, francês e espanhol (a depender da origem da pessoa entrevistada), esclarecendo-se o teor da pesquisa, seu objetivo e os direitos inerentes do participante. Aqueles que desejarem participar e assinarem o TCLE, após esclarecimento de dúvidas finais, se houver, serão submetidos à entrevista semiestruturada com duração máxima de 1h (uma hora). As entrevistas ocorrerão na sede do Instituto.

**- TIPO DE INSTITUIÇÃO ONDE SERÁ REALIZADO O ESTUDO:** Instituto Migrações e Direitos Humanos (IMDH), associação sem fins lucrativos e de caráter filantrópico, vinculada à Congregação das Irmãs Scalabrinianas.

**- PROCEDIMENTOS QUE SERÃO REALIZADOS COM OS PARTICIPANTES:** Entrevista semiestruturada.

**- MÉTODO:**

Para a realização da pesquisa, será utilizado método de cunho qualitativo a partir do levantamento bibliográfico e pela coleta de dados em entrevistas semiestruturadas com pessoas em contexto de migração e refúgio, que estejam localizadas em Brasília/DF, para fins de se destacar significados socialmente compartilhados e os aspectos subjetivos decorrentes de sua percepção quanto à morosidade dos procedimentos formais de reconhecimento do status de refúgio e seu impacto ou contribuição para o fortalecimento da noção de infamiliar, segundo a teoria freudiana. Segundo

**Endereço:** SEPN 707/907 - Bloco 6, sala 6.205, 2º andar  
**Bairro:** Setor Universitário **CEP:** 70.790-075  
**UF:** DF **Município:** BRASÍLIA  
**Telefone:** (61)3966-1511 **E-mail:** cep.uniceub@uniceub.br





CENTRO UNIVERSITÁRIO DE  
BRASÍLIA - UNICEUB



Continuação do Parecer: 6.065.494

Minayo, 2016), tais representações e significações dos indivíduos são parte da realidade social, na medida em que os seres humanos diferenciam-se não só em seu modo de agir, mas também de pensar e interpretar suas ações a partir da realidade em que se insere, sendo, portanto, fundamental a escuta direta de suas experiências singulares para a compreensão de determinadas categorias sociojurídicas, como o refúgio em si. Para o desenvolvimento do projeto de iniciação científica, será utilizada a metodologia bibliográfica qualitativa, para fins de levantamento dos conceitos utilizados acerca do tema, segundo a doutrina jurídica e jurisprudência vigentes, contando ainda com o apoio da metodologia de entrevista, para levantamento de dados coletados em diálogo com solicitantes de refúgio e refugiados. Segundo Zina O'Leary (2019), a entrevista é o método que permite a obtenção de dados relativos às experiências e subjetividades da pessoa entrevistada e que conduzem ao melhor entendimento sobre o fenômeno que a cerca, mesmo objeto de estudo do pesquisador. As entrevistas podem ser realizadas de modo formal (em que o pesquisador assume uma distância da pessoa entrevista e opera de modo objetivo) ou informal (com flexibilidade dos papéis para estabelecer uma relação de mútua compreensão com a pessoa entrevistada). Ainda, as entrevistas podem ser caracterizadas como estruturadas ou semiestruturadas: naquelas, o entrevistador segue um roteiro de perguntas que são previamente designadas segundo o problema de pesquisa e suas hipóteses, não havendo possibilidade de alteração ou de adaptação, ao passo que nestas (entrevistas semiestruturadas) dá-se uma entrevista maleável que visa a garantir a liberdade tanto do entrevistador (para desenvolver as perguntas conforme as necessidades de cada situação), quanto do entrevistado (que se sente em uma conversação, o que gera, pois, empatia e maior possibilidade de modulação do seu discurso).

Dadas tais diferenças, opta-se pela realização de entrevistas informais e semiestruturadas, na modalidade focalizada, segundo a qual há um roteiro de tópicos a serem explorados pelo pesquisador que se relacionam ao problema e às hipóteses de pesquisa, garantindo-se à pessoa entrevistada a fala livre à medida que os aborda e ao pesquisador um direcionamento da conversação, já que cabe ao entrevistador conduzir a entrevista de modo a não deixar que a pessoa entrevistada se desvie do assunto.

Colhidas e deglavadas as entrevistas, o pesquisador assistente realizará a análise de conteúdo, método formado a partir do conjunto de estratégias que são empregadas para a investigação do teor das informações obtidas (BARDIN, 2011).

**Endereço:** SEP7 707/907 - Bloco 6, sala 6.205, 2º andar  
**Bairro:** Setor Universitário **CEP:** 70.790-075  
**UF:** DF **Município:** BRASÍLIA  
**Telefone:** (61)3966-1511 **E-mail:** cep.uniceub@uniceub.br



CENTRO UNIVERSITÁRIO DE  
BRASÍLIA - UNICEUB



Continuação do Parecer: 6.065.494

A análise de conteúdo organiza-se em três fases fundamentais:

- a) pré-análise: organização dos dados colhidos, gravação das entrevistas e separação dos temas a partir de um panorama geral sobre o seu teor. Ainda, nesta fase procede-se à organização e à formação de diagrama de trabalho, com a escolha dos dados e a formulação de hipóteses e objetivos.
- b) exploração do material: nessa fase, procede-se à categorização e codificação dos dados, procedendo-se à descrição analítica guiada pelas hipóteses e referenciais teóricos;
- c) tratamento dos resultados: nesta última fase, procede-se à inferência e à interpretação, à procura de significação das mensagens, intercalando-se os discursos colhidos à luz de análise reflexiva e crítica. Aqui, os resultados tem como objetivo constituir, compreender e entender os conteúdos integrados.

#### **Objetivo da Pesquisa:**

Objetivo Primário: Investigar se a morosidade do processo de reconhecimento de refúgio no Brasil afeta negativamente o bem-estar social dos requerentes.

Objetivo Secundário:

1. Coletar dados e estatísticas referentes às solicitações de refúgio no Brasil, e o tempo médio de conclusão dos processos pela autoridade competente;
2. Levantar bibliografia especializada sobre o conceito de refúgio e aplicação da Lei n.º 9.474/1997;
3. Pesquisar a inter-relação entre a Psicanálise e o Direito Internacional Público, especificamente quanto aos estudos sobre a situação de refúgio e migração;
4. Entrevistar solicitantes e refugiados reconhecidos, para compreender a realidade em que vivem, e como o processo de refúgio afeta seu bem-estar social.

#### **Avaliação dos Riscos e Benefícios:**

RISCOS:

De acordo com o artigo V, da Resolução n.º 466, de 12 de dezembro de 2012, "toda pesquisa com seres humanos envolve risco em tipos e gradações variados. Quanto maiores e mais evidentes os riscos, maiores devem ser os cuidados para minimizá-los e a proteção oferecida pelo Sistema CEP/CONEP aos participantes. Devem ser analisadas possibilidades de danos imediatos ou posteriores, no plano individual ou coletivo. A análise de risco é componente imprescindível à análise ética, dela decorrendo o plano de monitoramento que deve ser oferecido pelo Sistema CEP/CONEP em cada caso específico." Em termos de riscos, qualifica-se a pesquisa como de riscos

**Endereço:** SEP/707/907 - Bloco 6, sala 6.205, 2º andar

**Bairro:** Setor Universitário

**CEP:** 70.790-075

**UF:** DF

**Município:** BRASÍLIA

**Telefone:** (61)3966-1511

**E-mail:** cep.uniceub@uniceub.br



CENTRO UNIVERSITÁRIO DE  
BRASÍLIA - UNICEUB



Continuação do Parecer: 6.065.494

mínimos, tendo em vista que pode mobilizar emoções em razão da situação de refúgio, garantindo-se, porém, a interrupção e cancelamento a qualquer momento da pesquisa. O participante poderá deixar de participar da pesquisa na hipótese de se sentir desconfortável com sua realização e o pesquisador compromete-se a não utilizar os dados que tiverem sido obtidos até aquele momento. Do mesmo modo, o pesquisador garante que as informações serão utilizadas exclusivamente para fins acadêmicos e excluídas após 5 (cinco) anos decorrentes da publicação da pesquisa de iniciação científica. O participante também será informado de que poderá se retirar da pesquisa a qualquer momento, sem que isso lhe traga prejuízo de qualquer natureza, bastando para isso entrar em contato com um dos pesquisadores responsáveis.

#### BENEFÍCIOS:

São benefícios da pesquisa a maior compreensão dos impactos gerados na subjetividade de pessoas em condição de refúgio pela demora do Estado em reconhecer esta condição, causando-lhes, por consequência, uma revitimização. Com a pesquisa, pretende-se compreender as lacunas deixadas pelo sistema de Estado com o procedimento de proteção às pessoas no contexto do refúgio.

#### Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

- Devido à natureza do estudo, considera-se a pesquisa com risco mínimo.
- Orçamento: os gastos serão custeados pelo pesquisador.
- Cronograma: A coleta de dados está prevista para iniciar-se em maio de 2023. O encerramento do projeto está previsto para julho de 2023.
- Instrumento de coleta de dados: o roteiro da entrevista apresentado está adequado em termos éticos.
- Contexto da realização da pesquisa: pesquisa científica desenvolvida no âmbito do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC-2022).

#### Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

- Apresentou a Folha de Rosto devidamente preenchida e assinada.
- Apresentou o Termo de Aceite Institucional devidamente preenchido e assinado.
- O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) foi apresentado de forma adequada.

**Endereço:** SEPN 707/907 - Bloco 6, sala 6.205, 2º andar  
**Bairro:** Setor Universitário **CEP:** 70.790-075  
**UF:** DF **Município:** BRASÍLIA  
**Telefone:** (61)3966-1511 **E-mail:** cep.uniceub@uniceub.br



CENTRO UNIVERSITÁRIO DE  
BRASÍLIA - UNICEUB



Continuação do Parecer: 6.065.494

**Recomendações:**

Ao final da pesquisa deverá ser enviado o Relatório de Finalização da Pesquisa ao CEP. O envio de relatórios deverá ocorrer pela Plataforma Brasil, por meio de notificação de evento.

**Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:**

O projeto atende os requisitos éticos e a pesquisa está em condições de ser iniciada.

O CEP-UniCEUB ressalta a necessidade de desenvolvimento da pesquisa, de acordo com o protocolo avaliado e aprovado, bem como, atenção às diretrizes éticas nacionais quanto ao às Resoluções nº 446/12 e nº 510/16 CNS/MS concernentes às responsabilidades do pesquisador no desenvolvimento do projeto:

A responsabilidade do pesquisador é indelegável e indeclinável e compreende os aspectos éticos e legais, cabendo-lhe:

I - apresentar o protocolo devidamente instruído ao sistema CEP/Conep, aguardando a decisão de aprovação ética, antes de iniciar a pesquisa, conforme definido em resolução específica de tipificação e gradação de risco;

II - desenvolver o projeto conforme delineado;

III - conduzir o processo de Consentimento e de Assentimento Livre e Esclarecido;

IV - apresentar dados solicitados pelo CEP ou pela Conep a qualquer momento; manter os dados da pesquisa em arquivo, físico ou digital, sob sua guarda e responsabilidade, por um período mínimo de 5 (cinco) anos após o término da pesquisa;

V - encaminhar os resultados da pesquisa para publicação, com os devidos créditos aos pesquisadores associados e ao pessoal técnico integrante do projeto;

VI - elaborar e apresentar os relatórios parciais e final;

VII - apresentar no relatório final que o projeto foi desenvolvido conforme delineado, justificando, quando ocorridas, a sua mudança, interrupção ou a não publicação dos resultados.

**Considerações Finais a critério do CEP:**

Protocolo previamente avaliado, com parecer homologado na 7ª Reunião Ordinária do CEP-UniCEUB do ano em 12 de maio de 2023.

**Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:**

**Endereço:** SEPN 707/907 - Bloco 6, sala 6.205, 2º andar  
**Bairro:** Setor Universitário **CEP:** 70.790-075  
**UF:** DF **Município:** BRASÍLIA  
**Telefone:** (61)3966-1511 **E-mail:** cep.uniceub@uniceub.br



**ANEXO B - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO****TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO****Término de Consentimiento Libre e Esclarecedor – TCLE****Terme de Consentement Libre et Éclairé – TCLE****O IMPACTO DA MOROSIDADE DO INSTITUTO DE REFÚGIO SOBRE A  
SUBJETIVIDADE DOS REQUERENTES: A NECESSIDADE DE  
APERFEIÇOAMENTO DO REFÚGIO PARA CONTENÇÃO DA REVITIMIZAÇÃO****El impacto de la lentitud del Instituto de Refugio en la subjetividad de sus solicitantes:  
la necesidad de mejorarlo para contener la revictimización de ellos****L'impact de la lenteur de l'Institut du Refuge sur la subjectivité des candidats: la  
nécessité de lui améliorer, pour empêcher une nouvelle victimisation contre eux**

Centro de Ensino Unificado de Brasília, CEUB

**Pesquisadores (Investigadores / Des chercheurs):**Esdras Amaral Merino Guimarães (<http://lattes.cnpq.br/6565563872965579>)Prof. Ms. Tédney Moreira da Silva (<http://lattes.cnpq.br/2137769881040006>)

Você está sendo convidado(a) a participar do projeto de pesquisa acima citado. O texto abaixo apresenta todas as informações necessárias sobre o que estamos fazendo. Sua colaboração neste estudo será de muita importância para nós, mas se desistir a qualquer momento, isso não lhe causará prejuízo.

Usted está siendo invitado a participar en ese proyecto de investigación. El siguiente texto presenta toda la información necesaria sobre lo que estamos haciendo. Su colaboración en este estudio será de gran importancia para nosotros. Todavía, es importante hacer la consideración que se usted se rinde en algún momento, no le habrá pérdida alguna.

Vous êtes invité à faire partie du projet de recherche mentionné. Le texte ci-dessous présente toutes les informations nécessaires sur ce que nous faisons. Votre collaboration dans cette étude sera trop important pour nous. Toutefois, cars vous abandonnez à tout moment, cela ne vous entraînera pas de dégâts.

O nome deste documento que você está lendo é **Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)**.

Este documento que está leyendo es un **Término de Consentimiento Libre e Dilucidador (TCLD)**.

Le nom de ce document que vous lisez est un **Terme de Consentement Libre et Éclairé (TCLE)**.

Antes de decidir se deseja participar (de livre e espontânea vontade) você deverá ler e compreender todo o conteúdo. Ao final, caso decida participar, você será solicitado a assiná-lo e receberá uma cópia do mesmo. Antes de assinar, faça perguntas sobre tudo o que não tiver entendido bem. A equipe deste estudo responderá às suas perguntas a qualquer momento (antes, durante e após o estudo).

Antes de decidir si desea participar (gratis y espontáneamente), debe leer y comprender todo el contenido. Al final, si decide participar, se le pedirá que lo firme. Después de eso, vas recibir una copia del término. Antes de firmar, haga preguntas sobre todo lo que no haya entendido bien. El equipo de este estudio responderá a sus preguntas en cualquier momento (antes, durante y después del estudio).

Avant de décider si vous souhaitez participer (libre et spontanément), vous devez lire et comprendre tout le contenu. En fin de compte, si vous décidez à participer, il vous sera demandé de le signer et de recevoir une copie. Avant de signer, posez des questions sur tout ce que vous n'avez pas bien compris.

#### **Natureza e objetivos do estudo**

O objetivo específico deste estudo é colher as impressões de pessoas que passaram ou passam por processo de inserção na sociedade brasileira, após terem saído de seu país de origem, por não lhes ser possível, ou por lhes ser muito arriscado, permanecer nele. Você está sendo convidado a participar da pesquisa exatamente por se enquadrar no perfil descrito acima.

#### **Naturaleza y objetivos del estudio**

El objetivo específico de este estudio es cosechar las impresiones de las personas que han pasado o están pasando por el proceso de inserción en la sociedad brasileña, después de haber salido de su país de origen, porque no les ser posible o por ser muy arriesgado para ellos, permanecer en él. Está siendo invitado a participar en la investigación exactamente porque usted se ajusta al perfil descrito anteriormente.

**Nature et objectifs de l'étude**

L'objectif spécifique de cette étude est de recueillir les impressions de personnes qui ont traversé ou traversent un processus d'insertion dans la société brésilienne, après avoir quitté leur pays d'origine, parce que cela ne leur était pas possible, ou parce que c'était trop risqué pour eux, d'y rester. Vous êtes invité à participer à l'enquête précisément parce que vous correspondez au profil décrit ci-dessus.

**Procedimentos do estudo**

Sua participação consiste em responder perguntas relativas à sua experiência de estadia no Brasil e suas percepções sobre o procedimento administrativo do País para o reconhecimento da sua condição de refugiado. O procedimento a que se pretende submetê-lo é o inato às entrevistas ordinárias. É elementar destacar que o limite das perguntas é critério do próprio entrevistado, e caso este consinta, gravar-se-á a entrevista, uma vez que esse procedimento é elementar à confecção de futura degravação, com que se poderá por, fidedignamente, as declarações do entrevistado no artigo, produto fim das entrevistas. Não haverá nenhuma outra forma de envolvimento ou comprometimento neste estudo. A pesquisa será realizada em Brasília, na modalidade presencial.

**Procedimientos de estudio**

Su participación consiste en responder preguntas relacionadas con su experiencia de estadia en Brasil y sus percepciones sobre el procedimiento administrativo del país para el reconocimiento de su condición de refugiado. El procedimiento al que se pretende someter es innato a las entrevistas ordinarias. Es fundamental señalar que el límite de las preguntas queda a criterio del propio entrevistado, y si éste lo consiente, la entrevista será grabada, ya que este procedimiento es elemental para la realización de una futura grabación, con la cual se podrán conocer fehacientemente las declaraciones. registrado del entrevistado en el artículo, el producto final de las entrevistas. No habrá otra forma de participación o compromiso en este estudio. La investigación se realizará en Brasilia, en la modalidad presencial.

**Procédures d'étude**

Votre participation consiste à répondre à des questions liées à votre expérience de séjour au Brésil et à votre perception de la procédure administrative du pays pour la reconnaissance de votre statut de réfugié. La procédure à laquelle il est destiné à être soumis est innée aux entretiens ordinaires. Il est essentiel de souligner que la limite des questions appartient à l'interviewé lui-même, et s'il y consent, l'entretien sera enregistré, car cette procédure est élémentaire pour la réalisation d'un enregistrement futur, avec lequel les déclarations peuvent être fiables. enregistré de la personne interrogée dans l'article, le produit final des entretiens. Il n'y aura aucune autre forme de participation ou d'engagement dans cette étude. La recherche sera effectuée à Brasilia, dans la modalité face à face.

**Riscos e benefícios**

Este estudo possui riscos baixos, isto é, os inatos a qualquer entrevista como eventual incômodo no entrevistado, por uma abordagem regular do entrevistador, mas que toque em um ponto delicado da vida do entrevistado, que não tenha sido ressaltado por ele. Registre-se que se perguntará ao entrevistado se há algum assunto, tempo ou questão cuja abordagem pelo entrevistador lhe causaria ressalvas. Havendo, este será terminantemente excluído da entrevista. Medidas preventivas, como questionar ao entrevistador se já algum ponto sensível de sua vida, que ele não deseje expor, serão tomadas durante cada etapa da entrevista, para minimizar qualquer risco ou incômodo. Caso esse procedimento possa gerar algum tipo de constrangimento, você não precisa realizá-lo. Com sua participação nesta pesquisa você contribuirá com os avanços acadêmicos e científicos. Com isso, seus relatos servirão à literatura, e esclarecerão, motivarão e auxiliarão pesquisadores e interessados no tema, que futuramente os lerem.

**Riesgos y beneficios**

Este estudio tiene riesgos bajos, es decir, los inherentes a toda entrevista como una posible incomodidad para el entrevistado, debido a un acercamiento habitual por parte del entrevistador, pero que toca un punto delicado de la vida del entrevistado, que no ha sido salvado por él. . Tenga en cuenta que se le preguntará al entrevistado si hay algún tema, momento o pregunta sobre la que el entrevistador tenga reservas. Si es así, será completamente excluido de la entrevista. Se tomarán medidas preventivas, como preguntar al entrevistador si hay algún punto sensible de su vida que no quiera exponer, en cada etapa de la entrevista, para minimizar cualquier riesgo o inconveniente. Si este procedimiento puede causar algún tipo de vergüenza, no es necesario que lo realice. Con tu participación en esta investigación contribuirás al avance académico y científico. Con ello, sus informes servirán a la literatura, y aclararán, motivarán y ayudarán a los investigadores e interesados en el tema, que los lean en el futuro.

**Risques et avantages**

Cette étude comporte des risques faibles, c'est-à-dire ceux inhérents à tout entretien comme un possible inconfort pour l'enquêté, dû à une démarche régulière de l'enquêteur, mais qui touche à un point délicat de la vie de l'enquêté, qui n'a pas été épargné par lui . Notez qu'il sera demandé à la personne interrogée s'il y a un sujet, une heure ou une question sur lesquels l'intervieweur aurait des réserves. Si c'est le cas, il sera complètement exclu de l'entretien. Des mesures préventives, comme demander à l'intervieweur s'il y a un point sensible de sa vie qu'il ne souhaite pas exposer, seront prises à chaque étape de l'entretien, afin de minimiser tout risque ou inconvénient. Si cette procédure peut causer n'importe quel type d'embarras, vous n'avez pas besoin de l'effectuer. En participant à cette recherche, vous contribuerez aux avancées académiques et scientifiques. Ainsi, leurs rapports serviront la littérature, éclaireront, motiveront et aideront les chercheurs et les personnes intéressées par le sujet, qui les liront à l'avenir.



**Participação, recusa e direito de se retirar do estudo**

Sua participação é voluntária. Você não terá nenhum prejuízo se não quiser participar. Você poderá se retirar desta pesquisa a qualquer momento, bastando para isso entrar em contato com um dos pesquisadores responsáveis. Conforme previsto pelas normas brasileiras de pesquisa com a participação de seres humanos, você não receberá nenhum tipo de compensação financeira pela sua participação neste estudo.

**Participación, rechazo y derecho a retirarse del estudio**

Su participación es voluntaria. No sufrirá ningún daño si no desea participar. Puede retirarse de esta investigación en cualquier momento poniéndose en contacto con uno de los investigadores responsables. De acuerdo con las normas brasileñas para la investigación con seres humanos, usted no recibirá ninguna compensación económica por su participación en este estudio.

**Participation, refus et droit de se retirer de l'étude**

Votre participation est volontaire. Vous ne subirez aucun préjudice si vous ne souhaitez pas participer. Vous pouvez vous retirer de cette recherche à tout moment en contactant l'un des chercheurs responsables. Comme prévu par les normes brésiliennes pour la recherche impliquant des êtres humains, vous ne recevrez aucune compensation financière pour votre participation à cette étude.

**Confidencialidade**

Seus dados serão manuseados somente pelos pesquisadores e não será permitido o acesso a outras pessoas. Os dados e instrumentos utilizados, como fitas, entrevistas, questionários, ficarão guardados sob a responsabilidade dos pesquisadores **Tédney Moreira da Silva** [[tedney.silva@gmail.com](mailto:tedney.silva@gmail.com)] (61) 9-9410-0995] e **Esdras Amaral Merino Guimarães** [[esdrasguimaraes2002@gmail.com](mailto:esdrasguimaraes2002@gmail.com)] (61) 9-9812-1426], com a garantia de manutenção do sigilo e confidencialidade, e arquivados por um período de 5 anos; após esse tempo serão destruídos.

**Confidencialidad**

Sus datos sólo serán tratados por los investigadores y no se permitirá el acceso a otras personas. Los datos e instrumentos utilizados, tales como cintas, entrevistas, cuestionarios, serán mantenidos bajo la responsabilidad de los investigadores **Tédney Moreira da Silva** [[tedney.silva@gmail.com](mailto:tedney.silva@gmail.com)] (61) 9-9410-0995] y **Esdras Amaral Merino Guimarães** [[esdrasguimaraes2002@gmail.com](mailto:esdrasguimaraes2002@gmail.com)] (61) 9-9812-1426], con garantía de secreto y confidencialidad, y archivado por un período de 5 años; después de ese tiempo serán destruidos.

**Confidentialité**

Vos données ne seront traitées que par les chercheurs et l'accès à d'autres personnes ne sera pas autorisé. Les données et les instruments utilisés, tels que les bandes, les entretiens, les questionnaires, seront conservés sous la responsabilité des chercheurs **Tédney Moreira da Silva** [[tedney.silva@gmail.com](mailto:tedney.silva@gmail.com)/ (61) 9-9410-0995] et **Esdras Amaral Merino Guimarães** [[esdrasguimaraes2002@gmail.com](mailto:esdrasguimaraes2002@gmail.com)/ (61) 9-9812-1426], avec la garantie du secret et de la confidentialité, et archivé pour une durée de 5 ans ; passé ce délai, ils seront détruits.

**Resultados esperados**

Os resultados deste trabalho poderão ser apresentados em encontros ou revistas científicas. Entretanto, ele mostrará apenas os resultados obtidos como um todo, sem revelar seu nome, instituição a qual pertence ou qualquer informação que esteja relacionada com sua privacidade.

**Resultados esperados**

Los resultados de este trabajo podrán ser presentados en congresos o revistas científicas. Sin embargo, solo mostrará los resultados obtenidos en su conjunto, sin revelar su nombre, institución a la que pertenece o cualquier información que esté relacionada con su privacidad.

**Résultats attendus**

Les résultats de ces travaux pourront être présentés lors de congrès ou de revues scientifiques. Cependant, il ne montrera que les résultats obtenus dans leur ensemble, sans révéler votre nom, l'institution à laquelle vous appartenez ou toute information liée à votre vie privée.

**Esclarecimentos finais**

Se houver alguma consideração ou dúvida referente aos aspectos éticos da pesquisa, entre em contato com o **Comitê de Ética em Pesquisa do Centro Universitário de Brasília – CEP/UniCEUB**, que aprovou esta pesquisa, pelo telefone (61) 3966.1511 ou pelo e-mail [cep.uniceub@uniceub.br](mailto:cep.uniceub@uniceub.br). Também entre em contato para informar ocorrências irregulares ou danosas durante a sua participação no estudo.

**Aclaraciones finales**

Si hay alguna inquietud o duda con respecto a los aspectos éticos de la investigación, comuníquese con el **Comité de Ética en Investigación del Centro Universitario de Brasilia – CEP/UniCEUB**, que aprobó esta investigación, por teléfono (61) 3966.1511 o por correo electrónico [cep.uniceub@uniceub.br](mailto:cep.uniceub@uniceub.br). También contáctenos para reportar ocurrencias irregulares o dañinas durante su participación en el estudio.

**Éclaircissements finaux**

En cas de doute ou de préoccupation concernant les aspects éthiques de la recherche, veuillez contacter le **Comité d'éthique de la recherche du Centro Universitário de Brasília – CEP/UniCEUB**, qui a approuvé cette recherche, par téléphone (61) 3966.1511 ou par e-mail [cep.uniceub@uniceub.br](mailto:cep.uniceub@uniceub.br). Contactez-nous également pour signaler des événements irréguliers ou préjudiciables lors de votre participation à l'étude.

Eu,

Passaporte \_\_\_\_\_, após receber a explicação completa dos objetivos do estudo e dos procedimentos envolvidos nesta pesquisa concordo voluntariamente em fazer parte deste estudo.

Yo,

Pasaporte \_\_\_\_\_, después de recibir una explicación completa de los objetivos del estudio y los procedimientos involucrados en esta investigación, acepto voluntariamente participar en este estudio.

Je,

Passeport \_\_\_\_\_, après avoir reçu une explication complète des objectifs de l'étude et des procédures impliquées dans cette recherche, accepte volontairement de participer à cette étude.

Este Termo de Consentimento encontra-se impresso em duas vias, sendo que uma cópia será arquivada pelo pesquisador responsável, e a outra será fornecida ao senhor(a).

Este Formulario de Consentimiento se imprime en dos copias, una de las cuales será archivada por el investigador a cargo y la otra se le entregará a usted.

Ce formulaire de consentement est imprimé en deux exemplaires, dont un exemplaire sera déposé par le chercheur responsable et l'autre vous sera remis.

Brasília, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_ .

\_\_\_\_\_  
**Participante/ Partícipe/ Participant**

---

**Esdras Amaral Merino Guimarães**

Graduando em Direito pela FAJS/CEUB

Pesquisador assistente

[esdrasguimaraes2002@gmail.com](mailto:esdrasguimaraes2002@gmail.com) (61) 9-9812-1426

---

**Tédney Moreira da Silva**

Mestre em Direito pelo PPGD/UnB

Professor Universitário da FAJS/CEUB

[tedney.silva@gmail.com](mailto:tedney.silva@gmail.com) (61) 9-9410-0995**Endereço dos(as) responsável(eis) pela pesquisa****Instituição:** Centro de Ensino Unificado de Brasília, UniCEUB**Endereço:** SEPN 707-907, Asa Norte, Brasília- DF, 70790-075

Esdras Amaral Merino Guimarães, (61) 9-9812-1426;

Tédney Moreira da Silva, (61)9-9410-0995.

**Dirección de los responsables de la investigación****Institución:** Centro Unificado de Educación de Brasília, UniCEUB**Dirección:** SEPN 707-907, Asa Norte, Brasília-DF, 70790-075

Esdras Amaral Merino Guimarães, (61) 9-9812-1426;

Tedney Moreira da Silva, (61)9-9410-0995.

**Adresse des responsables de la recherche****Institution :** Centre d'éducation unifiée de Brasília, UniCEUB**Adresse :** SEPN 707-907, Asa Norte, Brasília-DF, 70790-075

Esdras Amaral Merino Guimarães, (61) 9-9812-1426;

Tedney Moreira da Silva, (61)9-9410-0995.

**ANEXO C - TERMO DE ACEITE INSTITUCIONAL****TERMO DE ACEITE INSTITUCIONAL****INSTITUTO MIGRAÇÕES E DIREITOS HUMANOS**

A Sra. **Irmã Rosita Milesi**, Diretora do Instituto Migrações e Direitos Humanos, está de acordo com a realização da pesquisa *O impacto da morosidade do instituto de refúgio sobre a subjetividade dos requerentes: a necessidade de aperfeiçoamento do refúgio para contenção da revitimização*, de responsabilidade do pesquisador assistente *Esdras Amaral Merino Guimarães*, graduando em Direito pela Faculdade de Ciências Jurídicas e Sociais (FAJS) do Centro Universitário de Brasília (CEUB), sob orientação do Prof. Ms. Tédney Moreira da Silva, após revisão e aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa do Centro Universitário de Brasília.

O estudo envolve a realização de entrevistas semiestruturadas com 5 (cinco) pessoas em contexto de migração, assistidas pelo instituto, para fins de avaliar quais são os impactos na sua subjetividade da morosidade do reconhecimento do instituto legal de refúgio. A pesquisa terá a duração de um mês, com previsão de início em maio de 2023 e término em junho de 2023. A pesquisa será realizada no âmbito de Programa de Iniciação Científica com Bolsa, sendo financiada pela FAPDF (Fundação de Apoio à Pesquisa do Distrito Federal).

\*\*\*

Eu, *Irmã Rosita Milesi*, Diretora do Instituto Migrações e Direitos Humanos, declaro conhecer e cumprir as resoluções éticas brasileiras, em especial as Resoluções CNS 466/2012 e 510/2016. Esta instituição está ciente do teor da pesquisa, de seus objetivos e métodos, bem como conhece suas responsabilidades como instituição coparticipante do presente projeto de pesquisa e de seu compromisso no resguardo da segurança e bem-estar dos participantes de pesquisa nela recrutados, dispondo de infraestrutura necessária para a garantia de tal segurança e bem-estar.

Brasília, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2023.

---

**Irmã Rosita Milesi**

Diretora do Instituto Migrações e Direitos Humanos  
(com carimbo da instituição)

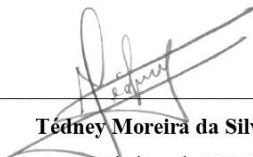
---

**Esdras Amaral Merino Guimarães**

Graduando em Direito pela FAJS/CEUB

Pesquisador assistente

[esdrasguimaraes2002@gmail.com](mailto:esdrasguimaraes2002@gmail.com) (61) 9-9812-1426



---

**Tédney Moreira da Silva**

Mestre em Direito pelo PPGD/UnB

Professor Universitário da FAJS/CEUB

[tedney.silva@gmail.com](mailto:tedney.silva@gmail.com) (61) 9-9410-0995

## APÊNDICE A - HOMENAGEM EM POESIA À MÃE REFUGIADA

Em todas as guerras e momentos de privação, muitas mães protagonizam atos de coragem. Recriminadas, impotentes e anônimas, muitas mulheres levaram seus filhos, sua pátria e seus ideais, acima de si, defendendo-os corajosamente. Contudo, não são, em geral, homenageadas com estrelas sobre o peito, e tampouco possuem reconhecimento público. São potenciais contidos por uma vida de fuga. Venezuelanas, sírias, haitianas, ucranianas, ou afegãs, o que importa, realmente, é que representam o lado mais forte da humanidade. São seres mudos, realizados em sua própria resignação. Indiferentes aos avanços deste século, porque o mundo as privou dele, muitas refugiadas, de diversas origens, credos e filosofias de vida, levaram-me a escrever o poema abaixo:

### A mãe refugiada

Não era desespero,  
Como o que a cercava;  
Não era medo,  
Como se presumia.  
Contudo,  
Também não era só resistência:  
Era corrente de lágrimas,  
Como mar vermelho profundo,  
A cortar o silêncio de um peito calejado.

Era, sobretudo,  
Mulher,  
Filha de um tempo bom;  
Mãe na tempestade,  
Viúva.

Era refugiada em si,  
Náufraga em sua própria força:  
Era coragem,  
Surpreendentemente.

À humanidade,  
Era exemplo;  
Aos filhos,  
Tudo;  
A si mesma,  
Uma incógnita  
De olhos secos,

e face marcada,  
Por um destino de sol e lágrimas.

Na fronteira,  
Porém,  
Era um ponto entre milhares;  
Era uma entre tantas histórias de  
travessia,  
Vitoriosas,  
Sobre as que o oceano silenciou.

Era a superação de uma travessia salgada,  
Era olhos impressionados,  
Vestidos de luto  
E esperança tímida.

Era instinto,  
Pulsão,  
Voz  
Embargada em língua estrangeira.

Oprimida por grades,  
Muros  
E canos frios,  
Às vezes ela se esquecia,  
De que era semelhante a quem ria  
Do lado de lá.

*Esdras A. M. Guimarães*